

GUSTAVO SCOLFARO CAETANO DA SILVA

UNS CORPOS

CAMPINAS
2001

GUSTAVO SCOLFARO CAETANO DA SILVA

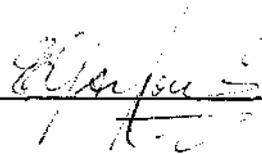
UNS CORPOS

Monografia apresentada para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física, pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Professora Doutora Carmem Lúcia Soares

CAMPINAS
2001



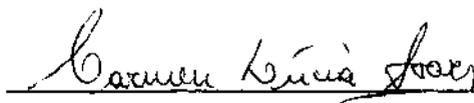
Banca Examinadora



Prof. Dra. Eliana Ayoub

Prof. Dra. Roseli Cação Fontana

Orientadora



Prof. Dra. Carmem Lúcia Soares

"Se o tempo deve acabar, pode-se descrevê-lo, instante por instante [...], e cada instante, para se poder descrevê-lo, se dilata tanto que já não se vê mais seu fim.' Decide que se porá a descrever cada instante de sua vida, e enquanto não os houver descrito a todos não pensará mais em estar morto. Neste momento morre."(Calvino, 1994)

"Tinha de existir uma pintura totalmente livre da dependência da figura - o objeto - que, como a música, não ilustra alguma coisa, não conta uma história e não lança um mito. Tal pintura contenta-se em evocar os reinos incommunicáveis do espírito, onde o sonho se torna pensamento, onde o traço se torna existência."

(Seuphor, M. Apud. Lispector, Clarice. *Água Viva*)

MOSAICO

Após muito pensar sobre as possíveis injustiças que apareceriam numa folha de agradecimentos, optei por escrever algo que paira o jargão, mas que fiquem bem claros meus sinceros agradecimentos a todos estes nomes citados, em linhas e entrelinhas incompletas, que se seguem abaixo.

Como poderia deixar de agradecer meu pai que, um dia, fez com que eu entendesse (dentre outras coisas) a diferença entre o computador e o violão. Entendi, mas exagerei na conclusão (acho). "Aquele abraço" pai.

Minha mãe, os significados do universo escrito não dariam conta do que tenho para lhe dizer. Digo a você em meu abraço de corpo magro de carne, mas que sinceramente diz o que preciso dizer.

Aos meus "irmãos": Ivan, Carô, Aline, Renato. Constituem-me.

Pedro, Dorinha e Ester: meus tios/professores/amigos de todos os tempos.

Tantos desencontros, que não passaram de aprontos, para o reencontro. Sempre estive ai e você sempre esteve aqui. O mundo dá voltas... Vinícius.

Levaram-me ao Brasil. Compraram-me uma passagem só de ida, mas mesmo que tivesse volta, não voltaria. Talvez para passear... Éden e Carol.

Quando os olhos escapavam do foco, incomodavam-me, pois, como poderia não me apaixonar por olhos tão sinceros. Acho que não me comprometo (ou lhe comprometo) escrevendo isso. Débora.

João Christofolletti. Nunca lhe chamei assim. Pudera, um contador de histórias precisa de pseudônimo. Irmão de fé.

Se o ódio e amor não são, em essência, a mesma coisa, então, acredito numa metamorfose total. Pri e Eduardo.

Mili, você não pode ser igual, pois é diferente, veio de longe. Um beijo.

Desculpe-me pelos furos e obrigado pelo ombro. Pode chorar se quiser e, se não quiser, vamos cantar. Natalie.

Ah... como poderia esquecer-me da minha "dinâmica" turma '98 e da "Gata Preta". Fabi, Andréa, Tiemi, Carla, Thais, Larissa, Renata, Luggi, Tocoto, Lucas, Mineiro, Mineira, Mococa, Mateus, Tati C e S, Giba ...

Silvana, professora desde antes. Jocimar colocou o primeiro tijolo da nova e temporária construção na qual, hoje, vivo.

Nana, minha "ultima" professora, grande amiga e "grande" amiga. Muito obrigado pelas músicas que não conheço, assim não me torno repetitivo.

Irmã de minha mãe, minha tia portanto, ensinou-me a ser um pouco mais fluido com as palavras. Helen.

Belém, tenho pouco a dizer: Obrigado!

Um projeto questionável quanto à utilidade social, mas que transformou-me um pouco mais em Gustavo. Esqueço-me agora das posições políticas contraditórias e lembro-me dos risos, das lágrimas e do céu estrelado, como já não mais me lembrava de tê-lo visto uma vez na vida. Ao meu grupo de trabalho em Pendências-RN, tenho um capítulo que veio de lá com vocês: Sandro, Nina, Julia, André, Nali, Pri, Marília, Helder, Vanessa, Renata, Cris e todas as pessoas que por lá ficaram, mas que deixaram fragmentos de seus corpos impressos nestas páginas.

Aqueles que me acolheram desde que cheguei ao "Mundo Unicamp", obrigado: Bel, Smurf e Daniel.

Carminha, obrigado por acreditar que algo de leve sairia daquele fardo pesado que eu carregava em minhas magras costas. A maternidade de sua orientação, leve e densa. Estou certo (provisoriamente) que não mais serei dominado por aqueles arquivos confundíveis do computador.

Sempre gostei das pausas e das notas mais longas e densas, mas jamais pensei que o corpo também poderia mover-se assim, como as notas. Algo em seu silêncio me (nos) diz muita coisa. Algo é reconhecível em todos nós. Danço! Adilson.

Também tenho de agradecer a Zeca Baleiro, Chico Buarque e outros tantos que dizem pela música. Estão muito próximos de mim.

A todos aqueles que foram atores das cenas desta narrativa. Mal sabem onde se meteram. Tudo bem... não citei nomes.

Fê, acho que... obrigado pelas "Flores". É só, é tudo!

UNS CORPOS

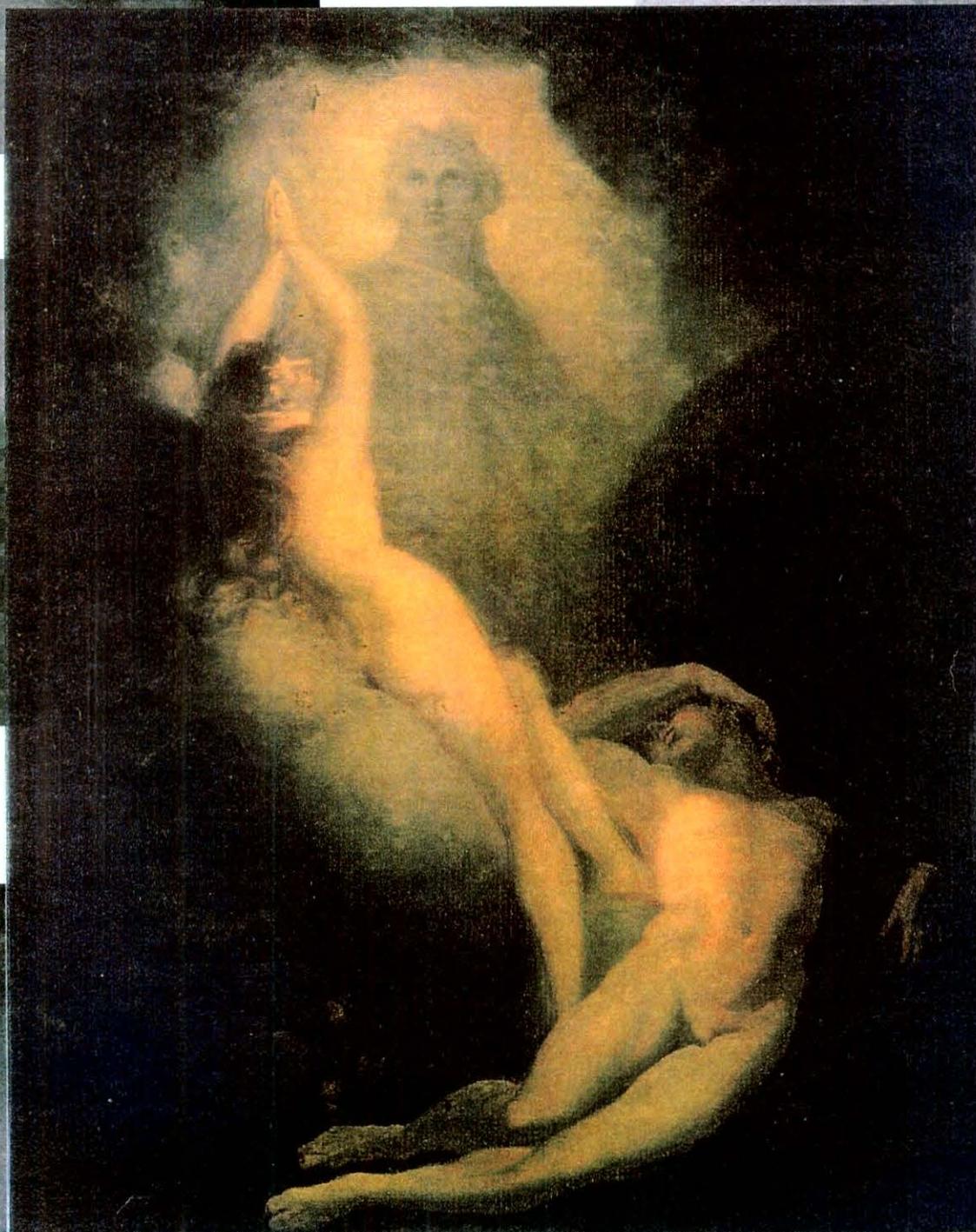
Artes visuais da Antiguidade Clássica, Mitologia, Renascimento e Esportes aliados à racionalidade científica, compartilham da responsabilidade sobre um ideal de beleza metrificado e incorporado na modernidade. O indeferimento da individualidade do corpo por meio de padrões estéticos, criados por uma ciência centrada em si mesma, e, posteriormente assumidos por uma sociedade consumista, pariu uma geração dependente da busca desenfreada pelas "promoções" do mercado do corpo. O corpo não enquadrado no ideal estético, então, é entendido como erro da natureza, uma "doença" da contemporaneidade, a ser combatida pelas ciências médicas em prol da estética. Situação na qual a adolescência, como um conturbado rito de passagem para a maturidade, faz parte do enredo, criando uma situação demasiadamente complicada no processo de busca da identidade corporal. Esta narrativa tenciona o cotidiano sob uma perspectiva de história não linear na qual personagem e narrador fundem-se em pensamentos e narrativas, porque, ambos, nunca deixaram de ser habitantes de um mesmo corpo.

SUMÁRIO

I-Capítulo Da Aparição	11
II-Capítulo Do Artifício	21
III-Capítulo Do Herói	36
IV-Capítulo Da Existência	50
V-Capítulo Da Morte	60
Lista de Figuras	68
Bibliografia	69

Uns Corpus

Da Aparição



Da Aparição

Por mais que tentasse, não conseguia se livrar daquele sentimento estranho, cheio de nada; um nada que não o permitia apoiar-se. É óbvio. Nada é nada e no nada não se apóia.

Noites e mais noites sem dormir. Pensando, pensando... Fosse o pensar em algo que o ajudasse... Mas não. Nada o ajudava. Eram somente ensaios a procurar por respostas que sequer tinham seus respectivos questionamentos. Era o incontrolável, o incompreensível, o inexorável sentimento de "falta". Faltava-lhe o quê? Já tinha tudo o que uma pessoa poderia querer na vida. Na família, não havia problemas graves de doença ou relacionamento. Tudo aquilo que buscou na vida, conseguiu e outras tantas coisas, que não buscou, estas simplesmente coexistiam com ele. Não havia de que se queixar. Mesmo assim, não tinha a menor capacidade para entender o que lhe acontecia. Mostrava-se uma pessoa triste. Estava estampado em sua testa e, mesmo que não soubesse, seus olhos diziam mais do que poderia imaginar. Olhos extenuados das poucas horas dormidas numa noite. Percebia que seu corpo estava cansado de gastar energia durante o dia de treinamento e atividades do cotidiano. Alias, só sentia seu corpo nesta hora, só deste modo, quando este já não tinha condições de lhe oferecer sequer um sentimento de conforto. Muito pelo contrário. O corpo, quase que o tempo todo, era-lhe um estorvo. Sentia-se um corpo fraco e lento quando se tratava de rendimento. Por vezes, um corpo burro, pois não era capaz de realizar tarefas aparentemente simples, como dançar. Sentia-se feio. Afinal, não era nem de longe parecido com aquilo que chamam de corpo bonito, sensual, másculo, e outras classificações, que costumam dar aos galãs da televisão e do cinema. Como lidar com isso? Chegou a pensar em resolver isso com uma "insignificante" injeção de *nandrolona* (princípio ativo

dos esteróides anabólicos) e um pouco de musculação. Já havia feito musculação durante muitos anos de sua vida, mas sem a intenção de enquadramento estético. O esporte lhe exigia rendimento e eficiência e, não beleza. Essa injeção poderia proporcionar-lhe, além de um corpo bonito, um corpo eficiente e forte. Então, seria essa a salvação? Não! Ele sabia que não. Seria lesivo, era querer ser o que não poderia ser, seria ir contra a sua natureza, contra seus princípios éticos... enfim... estaria se enganando.

O dia inteiro tomado por tarefas e obrigações. Faltava-lhe tempo para pensar em si. Suas noites serviam-lhe como momentos de reflexão. Deitava-se na cama por volta das dez e meia e sabia que, até a manhã do outro dia, seria, como todas as outras, uma longa e árdua noite, cheia de surpresas criadas pelas suas reflexões, carregadas de sentimentos diminutivos de si próprio. Deixava sempre uma fresta na porta, quando não, a deixava inteira escancarada, para que a luz penetrasse na penumbra do quarto. Tinha medo, mas não era exatamente medo do escuro, e sim, o medo de não ver no escuro. Parecia ser uma necessidade de ver, necessidade de ver qualquer coisa, para que não se sentisse sozinho. As imagens em sombras, refletidas na parede do quarto, eram sua companhia. As sombras, que tanto o assustavam durante o dia, pela deformação que causavam na silhueta do seu corpo projetado, naquele instante, eram sua única visão. Através das sombras, podia observar tudo o que se movia na sala ao lado de seu quarto, mas é claro, que não havia nada que se movesse, pois àquelas horas da madrugada, nada mais parecia estar vivo dentro de casa.

Seu corpo, novamente, voltava a incomodar. Não conseguia achar uma posição confortável. Sua cama tinha um comprimento visivelmente menor do que seu corpo. Seus braços e pernas pareciam estar sobrando no tronco, juntamente com o pescoço, para o qual, não havia travesseiro que o acomodasse.

Seus vagos pensamentos seguiam sempre uma estrutura circular. Partia de um sentimento de angústia, e, após pensar, divagar, reconsiderar, ponderar, voltar atrás... Via-se preso ao mesmo sentimento de angústia inicial. Depois de muito insistir nesta ciranda maligna, acabava pegando no sono. Maldito sono! Trazia sonhos, em sua maioria, indesejáveis. Sonhos, normalmente, repletos de angustia e ansiedade. Sonhava que não conseguia correr, que não conseguia se mexer, que não conseguia gritar, que estava no colégio, enfim, não sonhava nada que pudesse diferenciá-lo de uma pessoa normal, nada que qualquer ser humano já não houvesse sonhado antes. Mas, nas entranhas de seus pensamentos, sabia que aqueles sonhos tinham um conteúdo especial, pois ELE havia sonhado. Ninguém mais poderia saber o que havia se passado enquanto sonhava. Quais eram suas sensações? Por que havia sonhado com aquelas coisas? Só ele próprio seria capaz de responder. Ninguém mais sentia o que ele sentia, via o que ele via. Poderia, contar a alguém, mas tinha medo de dizer o que havia sonhado, afinal eram coisas tão normais, que talvez não merecessem a consideração de quem fosse ouvi-las. Preferia guardar o sofrimento para si, deixar suas "neuras" fermentando solitárias num molho de incongruências.

As intermináveis horas passavam-se e... Finalmente! A noite acabada trazia mais um cinzento dia, cheio de atividades questionáveis, que iriam ocupar todo seu escasso tempo.

Acordava às seis e quinze da manhã. Abria sua gaveta e suas roupas estavam lá; todas bem lavadas, passadas e cheirosas, mas não havia nenhuma roupa que pudesse vestir para ir à escola, pois o uniforme era uma exigência, e, como se autotransformava como uma pessoa sem vaidade, aceitava aquilo para manter a aparência de relaxado; sabendo que, no fundo de seus desejos, nenhuma daquelas outras roupas lhe satisfariam. Abria a geladeira, o armário, e, tudo o que precisava para o café da manhã estava ali, bem

diante de seus olhos. Só tinha o trabalho de misturar o café no leite, passar a manteiga no pão e comer. Feito isso, punha tudo o que estava sujo na pia e no outro dia pela manhã, tudo estaria limpo de novo. Parecia ter uma relação mágica com as coisas. Tudo simplesmente acontecia. É claro que sua mãe era quem lhe proporcionava aquele show de mágica sem igual, embora não se sentisse muito à vontade com essa relação de dependência existencial. Tomava seus comprimidos de complexo vitamínico e punha-se a caminho da escola.

Embarcado no ônibus, procurava um lugar (quando havia lugares livres), na medida do possível, confortável, no qual coubessem suas pernas, um tanto quanto maiores do que o padrão utilizado como referencial para a determinação do espaço entre os bancos. Depois de alguns minutos e outros tantos impactos da cabeça contra o vidro, devido aos cochilos constantes causados pelo sono, chegava à escola. Cumprimentava seus colegas e procurava um lugar ao fundo da sala, pouco visível aos olhos do professor, para que seu visível desinteresse pelas discussões não atrapalhasse a aula. Raras vezes, ouvia algo que lhe despertava o interesse. Esporadicamente pingavam alguns assuntos sobre filosofia, história, esporte e sobre corpo. "Corpo". Esta palavra tocava-lhe as entranhas; trazia um emaranhado de significados tão grande e importante que tudo o que não fosse atrelado a este assunto, parecia não lhe dizer respeito, não tinha relevância.

Sempre estive à margem das discussões em sala. Evitava o contato verbal com os companheiros de classe, pois considerava que qualquer conversa não mereceria sua contribuição. Era um cumpridor de tarefas. Jamais viria com uma nota vermelha no boletim ou comunicação aos pais pela sua incapacidade, mas as reclamações sobre a falta de interesse eram constantes por parte dos professores. Assistia a quase todas as aulas, às outras, enforcava, para cuidar de assuntos, os quais julgava de maior

relevância, tais como a organização de jogos e eventos culturais dentro da escola.

No colégio, também não se via livre dos estorvos "maquinados" pelo seu inadaptável corpo. Era extremamente incomodo amoldar-se naquelas mesas e cadeiras feitas para pessoas "normais". Suas pernas ficavam estendidas por debaixo da cadeira do colega à frente, quando não as deixava largadas no corredor, até que alguém tropeçasse. Quando precisava escrever, era obrigado a curvar-se, até que estivesse a uma altura compatível com a altura da maldita mesa. Depois de alguns longos minutos nesta posição ingrata, suas costas gritavam de dor, clamando por descanso e seus pensamentos lhe faziam acreditar que o Mundo, definitivamente, não era feito para os "anormais": magros, gordos, altos, baixos, deficientes físicos, canhotos e outras "aberrações" mais. Seres esquecidos pela sociedade, ainda em posição de reverência por uma "coisa" que não lhes davam o mínimo respeito. Desrespeito pelo diferente, considerando-o desigual.

Passadas muitas horas de aulas e poucos minutos de atenção prestada a estas, o estridente zunido vindo do fundo do corredor denunciava o horário de meio dia e vinte. Inicia-se então uma corrida contra o tempo. A hora e meia, que separava a saída da escola do início dos treinamentos, não era humanamente suficiente. O tempo perdido no transito do horário do almoço, a comida enfiada goela abaixo, rendiam-lhe uma tremendo mal estar. Tudo no mundo lhe parecia adverso à existência do corpo, pois este era massacrado, ignorado a todo instante. Quem agüentaria uma hora sentado naquele banco duro do ônibus, a ouvir ruídos ensurdecedores; poluição? Desumano.

Todas as esperanças de um bom treino vir a ser realizado naquele dia não mais faziam parte das suas idéias. A disposição para treinar já não era a

mesma de tempos atrás, quando o sonho Olímpico era vivo e forte. Seus "magros" objetivos restringiam-se a participar de competições nacionais, simplesmente, para poder viajar junto aos amigos que fizera ao longo dos anos na pista de atletismo.

Seu corpo magro, fraco e "burro" não lhe permitia, no seu entender, correr mais rápido, saltar mais longe e mais alto, arremessar e lançar ao longe. Estava conformado com essa situação, mas transparecia uma conformidade passiva, sem qualquer atitude que o levasse para frente. Parecia afundar-se num oceano de frustrações.

Quantas emoções vivera dentro da pista... Foram muitas e muito fortes, mas, parecia que o encantamento havia definhado debilmente. Hoje, seria muito mais fácil emocionar-se com a conquista alheia do que com a sua própria. Mesmo que pouco consciente, sabia que a vida não se limitava às medalhas e aos números que julgavam o merecimento ou não destas. Números que eram prematuros resultados de anos de treinamento. Medalhas que o ancoravam ao passado. Meses de aprontos, para alguns minutos por ano de "fama", deixavam seus atropalhados pensamentos centrados num futuro incerto. Já não via sentido em toda essa equivocada empreitada. Consumia seu escasso tempo sofrendo com seus "erros", e, os poucos "acertos", não lhe rendiam empolgação suficiente para re-significar aquela desgastante rotina.

"Erros" e "acertos"... Quem foi o infeliz que inventou estas classificações? Parece ser a mesma perturbada criatura que inventou "feio" e "bonito", "bom" e "mau/ruim", "útil" e "inútil", dentre outros mais rótulos que o incomodavam. No treinamento, essas relações rotuladoras pareciam ser extremamente evidentes, a ponto de ele mesmo ter o costume de classificar-se.

Terminado o período de treino, voltava para casa colocando-se a caçar todo e qualquer tipo de comestíveis e após empanturrar-se, um banho, que supostamente lhe proporcionaria uma melhora em seu deplorável estado, só o deixava com mais sono.

O cansaço acabava com todas as suas expectativas de mergulhar profundamente numa de suas maiores paixões: a música. Chegava a preparar minuciosamente o material escolhido em anos de ouvidos afinados com Caetano, Gilberto Gil, Chico Buarque, Rafael Rabelo, Tom Zé, Elis Regina, Toquinho, Vinícius de Moraes, Tom Jobim, e outros tantos excepcionais anônimos que fizeram parte de sua formação musical. De alguma forma, não conseguia encontrar forças para manter-se concentrado e muito menos restara-lhe algum resquício de coordenação nos dedos para que pudesse tocar violão. Maldição! Sentia-se tão cansado que só queria ficar deitado pensando em nada, porém o próprio nada já não era vazio de significados, então só restava uma opção: tentar dormir.

Desta vez, por volta das nove horas da noite, já se encontrava esparramado na cama...

Talvez um Mantra. Um som quase indecifrável, pelo baixo volume e pela sinuosa melodia, corre por todo o corpo trêmulo.

São somente os opostos encarnados. Homem e Mulher se digladiam de forma assustadora. Tão imenso é o encontro, tão ameaçador, tão encantador, tão fora do controle da racionalidade. No corpo feminino apenas alguns farrapos de pano tapam suas vergonhas. Longos cabelos negros contrastam-se com a alvura da pele, acentuando de delicados traços da bela silhueta. Os olhos masculinos, rasgados pelo sangue e já entorpecidos daquela visão, deixam transparecer sua fraqueza. Não poderia titubear, mas a força da imagem feminina predomina. Imponente como se fora um ser celestial, algo além da humanidade frágil daquele homem. A figura feminil parece querer arrancar-lhe do peito algo que ainda é obscuro, mas que, num momento exato, será claro como o Astro Rei.

Tenebrosa, a aproximação se faz inevitável. Os nervos saltados além da fronteira da carne captam as sensações ordenadas no caos, numa mistura de desejo e medo. A hesitante mão, que procura seu lugar entre os trapos de pano, denuncia seu sexo frente à inabalável leveza do toque feminino. Tardou, mas já, o medo fora dissolvido em desejo. Aquele homem... Primeiramente comportara-se como um infante medroso, porém agora, passa a mostrar sua face amante.

Encontram-se os corpos em movimentos ensaiados pelos atrapalhados sentidos, numa dança que jamais repetiria seus passos. Os lábios se descobrem de maneira fugaz, mas num orgasmo contido, de um pudor ainda presente. Golpes de olhares que atravessam o crânio como uma longa e afiada espada, deixam escorrer o sangue das verdadeiras e, de certo, incertas intenções, num jogo de adivinhações.

Dançam embebidos do sangue humano das contradições. Vampiros um do outro. Vivos... e morrendo de tanta vida.

Acordou molhado de suor e assustado com o sonho que acabara de lhe ocorrer. Aquele homem era ele. Repetia isso para si mesmo inúmeras vezes.

Havia dançado pela primeira vez na vida. Mesmo que tenha sido num sonho, a sensação de que realmente foi capaz de dançar lhe trouxe um sentimento de conforto e realização e, ainda, uma curiosidade tremenda sobre seu corpo, que foi amplamente consumido pelos sentidos daquele momento mágico. Ao mesmo tempo em que a satisfação lhe tomava, tinha um certo desconforto para com situação de fraqueza diante da figura feminina. A deusa parecia ter compaixão por aquele Ser retraído num primeiro momento. Figura sábia, pois parecia prever que algo despertaria daquele corpo retraído. Seu corpo parecia diferente no sonho, apesar de não saber dizer o que era diferente. Precisava comprovar aquela visão (pelo menos em partes, já que a deusa não existia em carne e osso) com os próprios olhos e em estado de consciência.

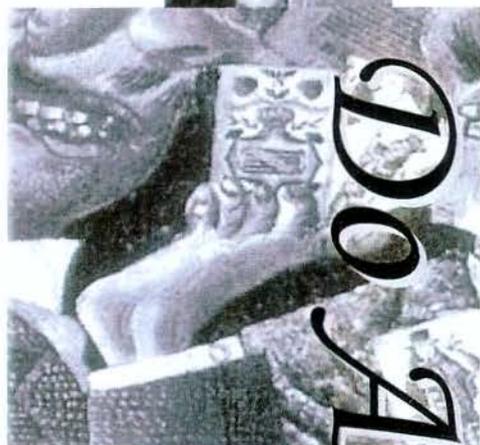
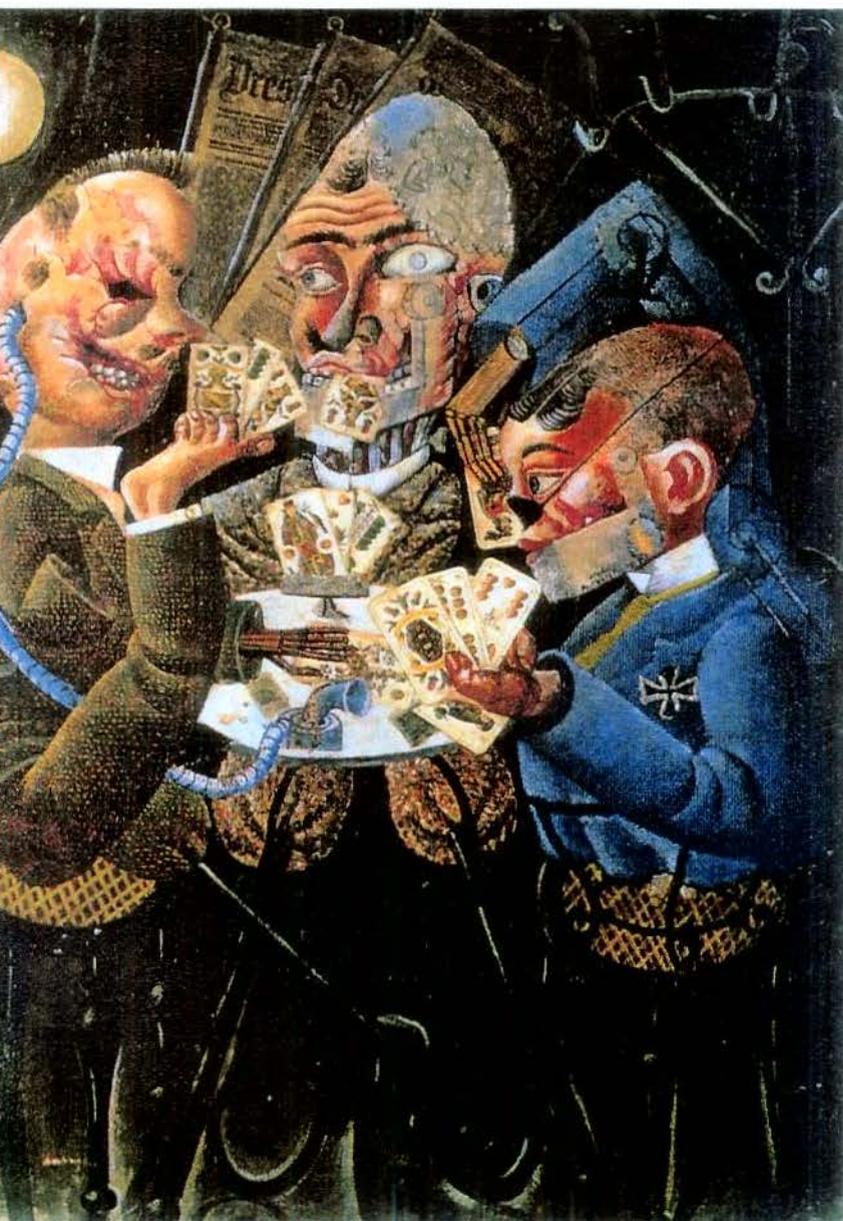
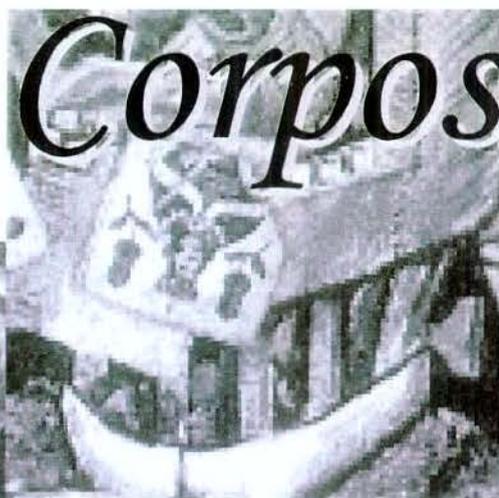
Ainda atordoado, levantara-se e dirigira-se ao banheiro, onde se encontrava fixado na parede um grande espelho para corpo inteiro, que até então só fora utilizado para escovar os dentes e espremer cravos. Mas desta vez suas intenções eram outras. Retirou a encharcada camiseta, deixando à mostra toda aquela magreza esbelta. Passou a observar-se. Tal como um crítico de cinema que é amigo do diretor do filme e está com medo de comentar.

Por todos os cantos podia identificar as extremidades ósseas, que pareciam querer causar uma erupção naquela pele branca e carente de gordura. As costelas podiam ser contadas uma a uma, sem a necessidade de tateá-las. Veias e artérias, que não se escondiam por debaixo da fina pele, criavam um aspecto de mapa político de um país qualquer em seu corpo. Abriu os braços como se fosse abraçar alguém, imitando o grande Cristo eternizado em concreto. Assustou-se com a distância que seus braços

alcançavam. Os feixes musculares quando contraídos formavam vincos profundos, acentuando a feição magra. A falta de confiança em mostrar-se para si próprio impedia qualquer tipo de admiração daquela imagem nua e crua. Teve a impressão que sua postura passara uma imagem de figura humana recatada e envergonhada. Como foi difícil estar cara-a-cara consigo próprio. O encontro com um homem que mora dentro de um casulo. Casulo que não é como aquele que envolve uma lagarta que, um dia, tornar-se-á um ser alado e vistoso, mas um casulo invisível e que pode encarcerar um ser humano por toda a vida, como uma lagarta que jamais passara pela metamorfose. Morreria em si e por si, sem sequer haver se conhecido. Mas o casulo, inevitavelmente, toma a forma de seu conteúdo. Na superfície do envoltório, todas as extremidades, protuberâncias e abaulamentos podem ser vistos. Apenas as pequenas nuances não são exteriorizadas. Sem ter a menor consciência disso, a "lagarta" mostra para o mundo um pouco do que ela é: uma lagarta que, até então, jamais havia saído do casulo. Porém, seu rejeitado corpo (por ele mesmo) comunicava parte de seu lastimável estado interno para o mundo. Mundo esse de repressões, julgamentos e fatalidades causadas pelas armadilhas da modernidade, afogada numa incoerente racionalidade.

O espelho sempre lhe fora impiedoso.

Uns Corporos



Do Artificio



Fig.2

Do artifício

Algum tempo depois, voltava para a cama, totalmente esgotado pelos penosos pensamentos, mas ainda a fim de que o sonho tivesse sido um filme interrompido e que, posteriormente, continuaria do mesmo ponto onde parou. Dormiu pesadamente até às seis e quinze, quando, aquele enlouquecido barulho do relógio despertador, não mais permitiu que o sono continuasse. Devia despertar-se com música. Felizmente era sexta-feira e o ânimo para encarar o longo dia estava muito melhor do que no meio da semana. Como todos os dias, sentou-se à mesa do café da manhã e, de novo, tudo estava lá, como em todos os dias de sua existência até então. Desta vez, deteve-se em pensar como seria sua vida se este "vital" café da manhã não fosse feito por sua mãe. Provavelmente teria de acordar meia hora mais cedo para poder prepará-lo, para arrumar a mesa e outras coisas mais. Mas seu pensamento não parava aí... O pão havia sido comprado no dia anterior, o leite, a margarina, o pó de café e o açúcar foram comprados no supermercado junto com mais inúmeras coisas que carecem existência em uma casa (mas infelizmente não existem em muitas delas). Lembrou-se que aquela xícara decorada com uma pintura de Picasso, na qual estava bebendo café, já existia em sua casa desde que nascera. Era um dos presentes de casamento que seus pais ganharam. Dava-se conta que, para poder fazer o que fazia, ser o que era, comer o que comia, vestir o que vestia, outras inúmeras coisas deveriam existir anteriormente. Para que pudesse estudar, alguém deveria construir a escola, e os professores deveriam ser formados por outros professores, esses outros por outros, e assim por diante. Tudo era feito em partes e que, casualmente, acabavam se encontrando e se encaixando, formando nosso estranho quebra-cabeça de Mundo. Tornava-se uma tarefa impossível encontrar o lugar onde sua peça se encaixava.

Mergulhado em pensamentos, quase perdeu o horário do ônibus. Chegou à escola levemente irritado, por precisar interromper seu raciocínio para prestar atenção em aulas não muito apreciadas, mas logo ficou sabendo que o professor de matemática havia faltado, e as duas aulas mais "penosas" da manhã poderiam ser aproveitadas para continuação da elaboração da sua teoria sobre a interdependência das coisas. Porém, não foi muito longe em seus ensaios, porque outro fato, naquele momento, tomou sua a atenção.

Enquanto descia a escada que levava ao pátio interno da escola, ouvia a conversa de duas garotas de sua turma sobre um artigo de uma dessas revistas destinadas às garotas que buscam "receitas de bolo" para encontrar um "príncipe encantado". O par feminino lamentava-se que naquela escola não havia garotos "interessantes", e por isso brincavam de montar o "Homem Ideal" que, segundo elas, deveria ser bonito igual a fulano, rico igual cicrano, elegante igual a beltrano e inteligente (para a qualificação de "inteligente" não havia modelos que pudessem ser citados). Síndrome de Frankenstein¹, que faz do corpo esse quebra-cabeça em que se abole a humanidade do homem.² Monta-se uma pessoa e coloca-se o que se bem quer nelas, como se todas as pessoas nascessem com o corpo-aparente desassociado do mundo no qual vivem, o que, neste caso, merecia uma contextualização de acordo com o que as garotas pensavam ser o ideal: unir o corpo e a mente num contexto social "ideal". Brilhante idéia. Como se o corpo fosse, por natureza, desassociado do resto. O que é uma pessoa perfeita? A perfeição seria algo muito além das nossas possibilidades humanas, ou, poderíamos falar de uma "perfeição humana". O "perfeito" talvez seja algo tão individual quanto o próprio corpo. Tantos corpos quanto perfeições.

Essa fútil conversa incomodou-o tremendamente. O que levava aquelas garotas a pensar daquela forma? Com certeza eram "formas" (ou "fôrmas"?), que de alguma maneira, faziam parte do modo de pensar, senão de todos, de grande parte dos adolescentes da sua idade. Existia um padrão a ser seguido, uma forma ou fôrma na qual deveriam se ajustar. Todos pareciam se vestir do mesmo jeito, com a mesma intenção. Só mudando o gênero da forma para distinguir o sexo. Grande parte dos garotos fazia musculação e outra grande parte das garotas fazia regime; mesmo aquelas que aparentemente não precisavam. Uma alucinação coletiva levava à busca da beleza. Busca sem precedentes, sem o menor pudor, sem respeito algum pela individualidade de cada corpo. Faz-se inegável a condição de algumas pessoas que, por motivos de saúde, raquitismo, obesidade e outros problemas físicos, precisam fazer estes tipos de intervenções. Mas o objetivo mostra-se muito distante da busca por saúde e qualidade de vida. Existe uma falsa idéia de projetar o corpo perfeito para uma saúde perfeita, mas quando os anabolizantes e as cirurgias plásticas de estética entram em cena, essa idealização vai por água a baixo, em riscos enormes para a saúde. A coqueluche do momento entre os adeptos do fisiculturismo é o GH, o Hormônio do Crescimento que é injetado no corpo para o aumento do volume muscular. Modelando e criando o que já é por imo criado e modelado. Então, caberia dizer "remodelando" e "recriando" o humano num formato padrão; uma reforma nas "velhas" imperfeições. Compra-se uma nova estética. *Indiscriminadamente convidativa, a estética da mercadoria sorri parra todos, e a alma da mercadoria é tanto flexível quanto promíscua. Atuar de maneira tão amplamente lasciva como atua a estética da mercadoria, fazer uma "oferta tão discriminadamente do corpo à volúpia alheia" como faz a mercadoria só tem um sentido se ocorrer segundo a perspectiva do valor de troca. Quem compra tais mercadorias anunciadas*

*como se estivesse anunciado o corpo terá sua aparência prostituída por elas, vestirá suas particularidades sexuais com a embalagem da comprabilidade, fazendo com que elas se ofereçam a todos que a virem.*³

O corpo passou a ser uma "roupa" que se vende em qualquer "loja", ou melhor, academia, que se troca quando se bem entende, que está na moda e segue conselhos de "estilistas", que tem acessórios que podem ser acrescentados e ou modificados a qualquer momento e, é claro que, por tudo isso, paga-se muito dinheiro. O "mercado do corpo" já é um fato consumado. As cirurgias plásticas que tentam "corrigir" alguns "defeitos" naturais dão aquela aparência bizarra de "boneco de cera" nas pessoas. Dentro em breve, com a tecnologia a serviço do corpo, talvez estejam vendendo partes do corpo em boutique fina. Vitrines exibindo uma grife de bíceps, tríceps, deltóides, trapézios, quadríceps e abdome bem avantajados para a ala masculina, e, para a ala feminina, as maiores paixões do machismo nacional, seios e glúteos de silicone. Esta seria a perfeita solução para os já desmuscularizados contemporâneos. Pobres coitados, vítimas do acaso, enganados da natureza, poderiam vestir uma "roupa de músculos", que evitaria qualquer tipo de constrangimento, por motivo do sujeito não estar na moda. Porém, o melhor estaria por vir, pois as próximas gerações teriam o privilégio de sair da linha de montagem, já perfeitas. Poderiam ser fabricadas nos moldes da "perfeição" por meio do controle de genes. Os casais, que quisessem ter filhos, poderiam montar o código genético da criança pela internet ou por um simples telefonema. Poderiam fazer um(a) grande atleta ou um(a) intelectual de primeira linha, além de ser "lindo(a)". Louro ou loira de olhos azuis, corpo escultural, e nenhum problema de saúde. Melhor ainda se tudo isso pudesse ser colocado na mesma pessoa. Parece obvio que, para ter acesso a tal serviço, o capital ditará a qualidade do "ser humano" produzido. Práticas eugênicas contemporâneas baseadas no poder

aquisitivo. Todos os casais que tiverem dinheiro disponível poderão ter filhos de estética e saúde perfeitas segundo os modelos virtuais ditados pela mídia. *Frente ao mundo coisificado resta a nós seres humanos a sensação de estranhamento; a esses seres assim construídos, a realidade converte-se em aparência e a aparência em realidade*⁴.

Da mesma forma que seu café da manhã não surgia em cima da mesa por geração espontânea, ele sabia que este ideal estético também não teria surgido por obra do acaso, por acidente da natureza. Seria consequência de algo muito maior do que um simples e único fato isolado, mas que, até então, fugia à sua compreensão.

Esteve pensando sobre o ocorrido durante pouco tempo, pois foi interrompido pelo convite de um colega para um jogo de voleibol. A quadra era um dos espaços que agradavam, pois seu desmetrificado corpo encontrava-se moldado numa "normalidade" esportiva e o valorizava de certo modo. De modo eficiente, desta forma, o corpo tem a permissão para ser diferente. Útil ao sistema.

Passou o resto da sua aula vaga e o intervalo inteiro jogando. As demais aulas do dia, história e filosofia, foram bem aproveitadas, pois trataram de discutir a Idade Média e o Renascimento. Aquelas informações, vindas das aulas, embrulhavam o estômago. Duvidou de si quando se deparou com as imagens da arte renascentista. Eram os grandes, Leonardo Da Vinci e Michelangelo, que pareciam ter deixado para o mundo contemporâneo a herança dos corpos clássicos. Cientistas da arte ou artistas da ciência, essas duas - hoje - polaridades, que no renascimento fundiam-se numa mesma busca, do conhecimento do homem sobre si mesmo. O estudo da anatomia e do movimento humano deu origem às mais perfeitas representações do corpo humano na arte da escultura e da pintura. Corpos de uma simetria impressionante. Corpos belos. A este período, deram o

nome de renascimento, pois, após séculos de penumbra, o homem foi redescoberto. *Quando as pessoas deste período queriam elogiar um poeta ou artista, diziam que sua obra era tão boa quanto a dos antigos*⁵. O corpo humano passou a ser centro das atenções das reflexões Humanistas. Reflexões essas, hoje, levadas a cabo pela racionalidade científica, fizeram do corpo objeto de manipulação.

* * *

Este dia, em especial, não estava preocupado com o horário de chegar em casa, porque sexta-feira, véspera de competição, o treinamento era interrompido para um necessário descanso; mesmo porque não iria competir, estava a fim de fazer outras coisas, como tocar violão.

Passou o restante do dia estudando algumas músicas novas que sua irmã, recentemente, introduzira em seu universo sonoro. Reconhecia na arte reflexões, acerca do homem, tão "verdadeiras" quando as daquela ciência dona da verdade absoluta. Impossível fazer vistas grossas. Uma música em especial chamava-lhe atenção. Era de um compositor, desses novos, da MPB, que mal havia chegado às prateleiras das lojas. Zeca Baleiro...

*Vem você me dizer que vai no salão de beleza
Fazer permanente, massagem, rissagem
Reflexo e outras cositas más
Baby você não precisa de um salão de beleza
Há menos beleza no salão de beleza
A sua beleza é bem maior do que qualquer beleza de qualquer
salão
Velho decadente mundo ainda não aprendeu a admirar a beleza
A verdadeira beleza
Beleza que põe mesa
Que deita na cama
Beleza de quem come
A beleza de quem ama
A beleza do erro, do engano, da imperfeição⁶*

* * *

Deitou-se relativamente cedo para uma sexta-feira. Quanto mais tempo estivesse dormindo, maior a possibilidade da "deusa" reaparecer em seus sonhos. Triste essa constatação. Preferia dormir e viver num mundo de sonhos do que no insuportável mundo real. O que era real no mundo real?

Antes, os sonhos que lhe traziam medo, agora eram uma fuga. Quando o sonho era ruim, acordava e sentia-se aliviado por não ser verdade e quando era bom, podia curtir aquele momento único e fantástico. Nos sonhos tudo poderia acontecer, tudo era lógico por mais ilógico que fosse, tudo era aceitável por mais absurdo que parecesse ser. Ser gordo, ser magro, ser "feio", ser o que for e sem estranhamento.

Estranha a visão das árvores em meio a um deserto quase sem fim. Árvores humanas; de gente viva, de gente mulher, de gente homem. Opostos.

Raízes que entram e saem de entranhas da Terra dos Homens. Mal se pode supor seu trajeto subterrâneo; apenas incertas hipóteses marcam sua presença nas infelizes tentativas.

São belas. Algumas, tão pequenas que lembram arbustos da caatinga, outras, gigantes em meio às anãs. Mas todas fazem parte do mesmo bosque. Todas vivem do mesmo solo; da mesma chuva. Belas de outras diferenças.

Mas as raízes... a atenção volta-se para as raízes, que se misturam, que se confundem, que brincam com suposições, sendo "impossível" determinar onde nascem no tronco e onde definham no solo.

Pouco ao lado daquele bosque, as árvores iniciavam uma mutação nas formas que se apresentavam à vista. Não eram mais humanas. Pareciam desenhadas à régua. Suas tristes copas "quadradas". Troncos cilíndricos. A disposição, que antes se encontrava a gosto do acaso, agora seguia uma linearidade irritante aos olhos. Mesmo com toda sorte de formas geométricas, a paisagem parecia ser feita por um frio computador. A falta de natureza daquela imagem agredia a idéia de beleza.

O chão fora cimentado, ficando apenas os pequenos espaços para os troncos cilíndricos. As raízes, agora não mais existiam aos olhos.

Desta vez a Deusa não apareceu. A princípio sentiu-se traído pelo sonho. Que direito tem a Deusa de aparecer quando bem quer para satisfazer seus desejos? Pensamento infantil, porque sabia que ela estava em suas próprias entranhas. Era uma "criação" de seu inconsciente, que também seguia ideais estéticos vindos do imaginário coletivo.⁷ Deu-se conta de que também tinha aquele "maldito" modelo de beleza fazendo parte de seus pensamentos. Não estava livre daquela conversa fútil de suas colegas de classe no dia anterior. Como poderia isso ser uma coisa mais forte do que sua própria vontade de não ser submetido a tal idéia? Uma raiva

incontrolável envolvia seus pensamentos. Uma idéia vinha à sua cabeça como um raio e rodeava a inconsciência. Não se conhecia; por isso a raiva. Uma luz, de súbito, iluminara sua consciência. Se ele não conhecia seu interior por inteiro, poderia não conhecer seu corpo por inteiro. Essa idéia alimentava suas esperanças de encontrar algo que gostasse em si. Curiosidade. O que teria aquele corpo magrelo de especial? Talvez fosse único, construiu-se legítimo. Precisava saber o que não lhe era imo; conhecer o que lhe fora implantado por um Mundo que inventa coisas e necessidades, sem que, verdadeiramente, a vida humana precise delas.

Aquelas idéias roubaram-lhe o sono e aproveitou para ler o jornal do dia anterior. O vestibular já estava perto e não poderia deixar de se informar. Fitou, com olhos atentos, todas as páginas até que estes estacassem por sobre um texto com o título de A Inumanidade. Este dizia que:

“Na convivência humana, as características das mercadorias é que dialogam entre si, estabelecem relações sociais, ainda que sejam coisas [...] No momento em que o produto do trabalho humano tem características que o próprio ser humano não lhe deu, e que esse produto não é efetivamente seu; no momento em que mascara a própria relação entre os seres humanos, dando-lhe a forma de relação entre coisas independentes e autônomas; no momento em que eles passam a travar uma relação reificada entre si e com suas próprias realidades psíquicas; neste momento o capitalismo mostra uma de suas características principais, manifestando-a como fenômeno social: a alienação. Uma faceta fundamental do fenômeno é a de que os seres humanos, nessa condição contextual, criam um mundo que é posto a eles [...] Seu corpo aparece como instrumento e resultado de uma atividade alienada; suas emoções perderam o sentido, na medida de sua absorção pelo mundo da

mercadoria e por sua restrição à esfera da troca e pela imposição de seus limites. O corpo do mundo é um corpo não humano.” ⁸

A pessoa que assinava o texto era uma professora de uma faculdade de Educação Física. Aquelas palavras vinham a colidir com suas fantasias assaz emocionais, baseadas em paixões de alegrias e dores.⁹

Pessoas, animais e coisas, isso tudo aparece na televisão, apenas como imagem. A imagem asséptica, por si só, insignifica todo e qualquer ato e ou forma humana. Corpo é então a maior das vitrines para que se enxergue as coisas. O corpo invisível debaixo de logomarcas e, ou pior, debaixo de outro corpo, comprado e construído para substituir aquele que não agradava aos olhos viciados. Daquele corpo vendido, o que mais se encontra nos mercados do corpo é o musculoso. Com toda a desatenção do mundo para com o corpo comum, procura-se um corpo não comum e acaba-se por encontrar uma opção dada pelo próprio mundo: o músculo, o produto de maior desejo das massas que querem ser vistas. *O músculo marca. Ele é um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo no anonimato urbano das fisionomias*¹⁰. Seriam todos narcisistas? Embora fossem entusiastas da aparência, assim como o mitológico personagem helênico, não ostentavam a beleza de si próprios. Narciso apaixonara-se por si mesmo, por uma beleza que não estivera em alguém que ele próprio. A paixão do “novo narciso” não é por seu imo; é por uma idéia de beleza externa e pertencente a ninguém. Idolatra-se a beleza de ser considerado belo pelos olhos de outrem. Fantasmas belos que vagam pelas idéias dos amantes dos outros. Repugnam-se frente ao espelho, que não diferente de si; diferente sim da beleza alheia.

Entorpecida de caos, sua cabeça rodava. As sombras da madrugada decoravam a sala de ar cinzento. Deitado sobre a mesa de vidro pôde,

através do reflexo, perceber seu rosto desfigurado pelas olheiras. Roxas e inchadas, como se fora agredido. Agredido por adjetivos, agredido pela mão dos "não homens", que habitam o mesmo mundo dos homens.

Subitamente lembrou-se do sonho que tivera alguns minutos atrás. Aberrações de árvores ou aberrações humanas? Todos dois tipos de aberrações são frutos do mundo das coisas. Não são só árvores e homens, são coisas. A árvore, que se encontrava em frente sua casa, fora amarrada a um mastro de madeira, para que pudesse crescer linearmente bonita. Acabaram com as árvores nas cidades. As que sobraram, precisam de socorro, não podem crescer sozinhas tal como cresciam na mata. Acabaram-se as relações entre as árvores. Entre homens. Resta-nos aceitar a proposta de consertar nosso corpo imperfeito. Assim como árvore amarrada, os homens vão aos ortopedistas, aos fisioterapeutas. Não vão apenas para corrigir problemas ortopédicos, vão, também, para educar o corpo da maneira que lhes é conveniente socialmente. Estética de uma dominação¹¹.

Vivera, na infância, um momento, no qual, grande parte de seus amigos usava botas ortopédicas. Crianças que andavam como se calçassem tijolos ao invés de sapatos. Estava na moda usar aquilo. Desatenciosos pais que não calçavam seus filhos com botas ortopédicas. Hereges da ciência. Como ousariam fazer vistas grossas ao desenrolar do andar do próprio filho. A verdade é que, tanto as crianças que usaram, quanto as que não usaram, hoje, andam da mesma maneira: de tênis. A justificativa de prevenção era alastrada por todos aqueles pequenos corpos, carentes de experimentação. O diferencial, dos que usavam botas, naquele tempo, era o modo como aquelas crianças andavam: robotizadas. "O grupo dos que usavam botas". Todos com argumentos habilmente decorados, na tentativa de não

negar aos pais, e, seus pais, por sua vez, ao ortopedista. Encontravam-se em suas botas.

Toda justificativa gira, perdidamente, ao redor de uma necessidade social, de jamais questionar a onipotente ciência. A "Religião do Novo Século".

A cada linha lida do texto, uma infinidade de ponderações lhe vinha à cabeça. Precisava de tempo para digerir. O texto estava lá para ser lido a qualquer momento, mas no auge de sua impaciência a leitura continuava:

A expectativa de corpo fundada a partir de seu culto, que é, em grande medida, de natureza narcisista, contrasta com a situação vivenciada por grande parte da humanidade que convive cotidianamente, com os flagelos da fome e da doença; para a grande maioria a expectativa de corpo se pauta por seu definhamento. Constitui-se, assim, uma situação paradoxal: no momento em que toda a humanidade poderia estar usufruindo das promessas da Modernidade e dos avanços da ciência, a maior parte dela não tem, nem mesmo, as condições básicas para uma vida digna.¹² Todas as práticas que se propõem a ser uma intervenção sobre o corpo têm como fundamento, em maior ou menor grau, os conhecimentos produzidos pela ciência e, em especial, pelas ciências biomédicas. Optou-se aqui, então, por trabalhar com a produção científica de uma área reconhecida internacionalmente com Medicina do Esporte, que produz e publica, cada vez mais, material sobre a população de maneira geral e que se pretende genérico e universalizante.

Os conhecimentos produzidos por essa área médica é que têm fundamentado e justificado uma série de intervenções sociais, como aquelas realizadas no interior das clínicas de estética, dos spas, das academias de práticas corporais e dos meios de comunicação de massas, especialmente, através de programas de televisão especializados e dos inúmeros periódicos disponíveis no mercado

nacional e internacional que tratam da forma do corpo ou do corpo em forma.

Optar pelos dados científicos como campo empírico decorre, também, em função da importância da ciência e da tecnologia nas sociedades onde prevalece a economia de mercado, com sua forma peculiar de produção e de circulação de mercadorias. É importante frisar que a Medicina, ou sua especialidade, não é tomada aqui como tema, mas, sobretudo, como exemplo da forma como o corpo é compreendido no interior da cultura ocidental que tende a se universalizar como promessa de Modernidade, e da racionalidade que lhe é subjacente, com todas as implicações e os paradoxos que aí se encontram, na raiz da expectativa de corpo. Todas as indicações utilizadas, sejam elas provenientes dos campos da Arte, da mídia ou institucionais, se constituem no tecido da história, na trama de informações necessárias à compreensão das demandas do corpo existentes na atualidade e sua imbricação com a situação paradoxal vivenciada pela humanidade¹³.

O que, agora, sobrara-lhe do ocorrido durante o dia? Sobrara a incerteza. Que mundo era aquele? Ao mesmo tempo em que reprimia o corpo diferenciado, aproveitava-se deste para sustentar a continuidade da pesquisa sobre a pesquisa. Autofagia. Do que a ciência realmente gosta é de si mesma. Sua capacidade de inventar problemas para depois resolvê-los é venerada, idolatrada e aproveitada em seu próprio meio.

As palavras do texto embaralhavam-se em sua vista, fosse pelo sono ou pela tormenta mental, acerca do assunto, que lhe tomava as vísceras.

Decidiu por deitar-se. Certamente, era a melhor opção. Teria de acordar cedo na manhã seguinte.

Logo quando deitou-se, encontrou-se novamente com as sombras na parede do quarto. Em noite de ventania, as sombras ganhavam vida nova. Os personagens, aos poucos, surgiam: seres alados com silhuetas que

formavam-se e desformavam-se à mercê de medos e desejos. Quando o vento acontecia, as imagens até pareciam ser mais simpáticas; não mais atormentavam pelo aspecto estático e morto de outros dias. Talvez pudesse, assim como as sombras, ver seu corpo de maneira diferente, de acordo com seus desejos (os medos já existiam em demasia). Encantava-se com o movimento das sombras. Seria o movimento capaz de re-significar um corpo assim como o fez com as sombras? Lembrou-se de seu sonho de duas noites passadas: A deusa fê-lo dançar, assim como o vento fez com as sombras nesta noite. Então dança, esportes e qualquer outro movimento, seria capaz de modificar o modo como um corpo é visto. A diferença é o objetivo do movimento. O esporte tem o corpo em movimento, mas agrega-se valores mercadológicos a este e assim tem-se um forte modelo corporal para ser vendido. Conclusão, talvez, precipitada.

Voltava sua concentração para a difícil tarefa de dormir, já que não teria muitas horas de sono até a aurora. Na manhã seguinte estaria junto de seus amigos atletas, assim como ele, apesar de não se sentir como tal.

-
- ¹ Lê Breton D. A Síndrome de Frankenstein. pp 49. In Sant'Anna, D. (org) Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p 49-67
- ² Lê Breton D. op. Cit. 1995. p 52
- ³ Haug, Wolfgang Fritz (1997). Apud Silva, Ana Márcia, Corpo, Ciência e Mercado: Reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas – Editora da UFSC, 2001 p 61
- ⁴ Horkheimer e Adorno, (1973:55). Apud Silva, Ana Márcia Corpo, Ciência e Mercado: Reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas – Editora da UFSC, 2001
- ⁵ Gombrich, E.H., A História da Arte p. 167.
- ⁶ Música de Zeca Baleiro. Salão de Beleza
- ⁷ Conceito retirado de: O Homem e seus Símbolos, Jung, G. C.
- ⁸ Silva, Ana Márcia. Corpo, Ciência e Mercado: Reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas – Editora da UFSC, 2001. p 64-65
- ⁹ Conceito de Nietzsche, F. W. Assim falava Zaratustra p 40
- ¹⁰ Courtine, J.J., OS Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. pp 83. In Sant'Anna, D. (org) Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. pp 81 – 114.
- ¹¹ Conceito retirado de: Vigarello, G., Panóplias Corretoras – Balizas para uma história.. In Sant'Anna, D. (org). Políticas do Corpo São Paulo: Estação Liberdade, 1995. pp 21-38
- ¹² Silva, Ana Márcia, op. cit 2001. p 4
- ¹³ Silva, Ana Márcia. op. cit 2001. p 5-6

Uns Corpus

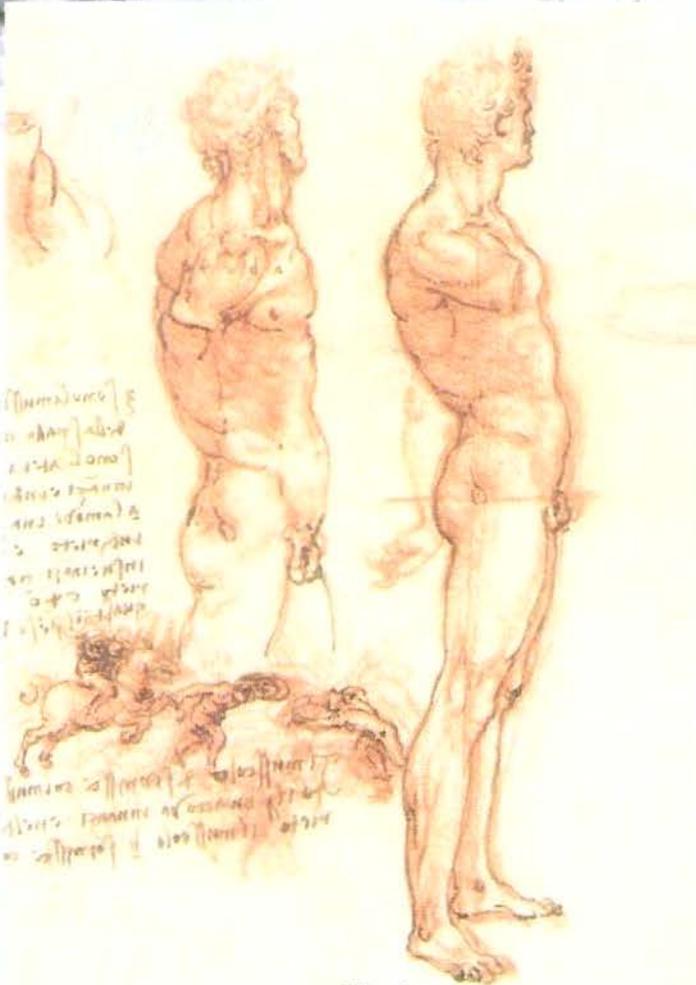
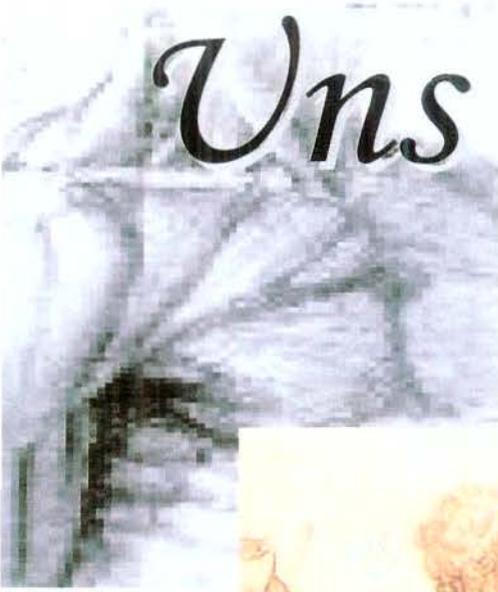


Fig.3



Fig. 4

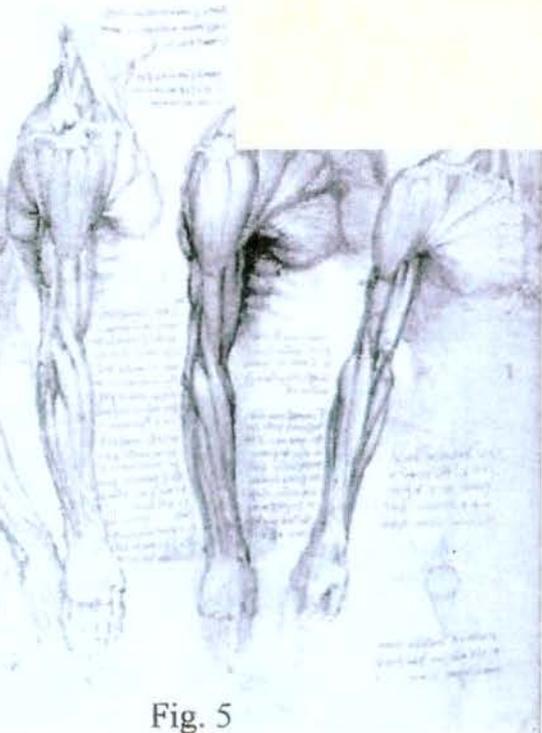


Fig. 5

Do Herói

Do Herói

Agora já era Sábado. Dia de Competição. Desta vez não iria competir, porque não era uma competição compatível com seu nível técnico. Alguns dos melhores atletas do Brasil estariam mostrando o que de melhor há em rendimento físico. Estes faziam parte de um grupo seleta de pessoas. Seleta a ponto de parecer serem escolhidos pelos deuses para brilharem como "Astros" e "Estrelas". Seres humanos endeusados, com um lugar garantido no Alto Olimpo. Mas o que os diferenciava dos demais mortais? O que lhes proporcionara este invejável *status* de herói? Os atletas negros, claramente, destacavam-se em provas nas quais grande potencial muscular explosivo era exigido. Em provas com outras características, essa diferenciação não era tão nítida. Quando pensava na cor da pele, lembrava-se de algumas palavras, que ouvira tempos atrás, de um anônimo (em sua desatenta memória) crítico esportivo: "Dissimulado, o racismo dentro do esporte passava despercebido, pois a pele negra é, muitas vezes, associada a um potencial natural para o esporte e assim sendo, possibilita que um negro seja aceito (suportado) socialmente como um ser produtivo, uma possível máquina de fazer dinheiro para os patrocinadores, um bom representante da Pátria Amada Brasil, um *outdoor* do 'sucesso' da política educacional, esportiva e cultural praticada pela nebulosa 'social democracia'".

Dentro daquele contexto o negro tinha a ilusória possibilidade de subir ao Olimpo, de ser um dos Semideuses. Semideuses negros.

De qualquer forma, havia algo além da cor da pele, que diferenciava um "semideus" de um "reles mortal". Seriam então os músculos? Quiçá fosse fácil responder a esta pergunta. Nem só a cor da pele, nem só os músculos. Um emaranhado de fatores credenciavam um ser humano a herói. Desde

fatores biológicos naturais e biológicos manipulados, até o contexto social e político.

Um atleta de alto nível pode ter níveis de força e de resistência musculares surpreendentemente mais altos do que uma pessoa comum.

Vários anos de treinamento deram-lhe uma certa intimidade com o entendimento fisiológico e anatômico do corpo. Em inúmeras circunstâncias explicaram-lhe as diferenças entre as fibras musculares vermelhas e as brancas.

Os atletas das provas de grande "explosão" muscular, saltadores, arremessadores, lançadores e velocistas (corredores de 100m, 200m, 400m, 110m sobre barreiras e 400m sobre barreiras), são seres humanos dotados de uma porcentagem extremamente alta de células "brancas" compositoras de músculos. E nos atletas das provas de resistência muscular, predominam as células musculares de cor vermelha. Vistas ao microscópio é possível identificar esta diferença. A alvura das células rápidas é decorrente do alto número de proteínas contráteis e a baixa irrigação sangüínea. São extremamente sensíveis à fadiga. Já, a célula vermelha é altamente vascularizada e com menor número de proteínas contráteis. Daí vem seu aspecto avermelhado. São altamente resistentes à fadiga. Nos atletas de provas de longa duração (5000m, 10000m, maratona, e outras), esse tipo de célula (vermelha) predomina percentualmente sobre o outro tipo (branca).

Entre esses dois tipos de células existe uma infinidade de variações de branco avermelhadas. São nuances da mistura entre os dois extremos. Na mesma pessoa, dependendo da especificidade de trabalho do músculo, pode-se encontrar variações enormes nas porcentagens encontradas. Outro fator muscular (que era particularmente o seu problema) era a questão do volume.

O número de células musculares é limitado geneticamente, então, pessoas com pouco volume muscular, só poderão fazer com que as células cresçam. O volume muscular também está intimamente ligado à produção de força. Este fator é o que leva muitos atletas a utilizar anabolizantes. São atletas que possuem um tipo de musculatura favorável, mas o volume muscular não permite que seu caminho para o Olimpo seja concluído. O anabolizante é um tipo de hormônio (testosterona) sintético, que permite um ganho de massa muscular muito rápido, mas com efeitos colaterais que vão desde aumento da pressão arterial até o aparecimento de caracteres femininos nos homens e caracteres masculinos nas mulheres, ou, em último caso, a morte, por câncer, principalmente hepático, ou por doenças do coração.

As drogas, se é que se pode delimitá-las com clareza, têm diferentes funções nas sociedades. O esporte trabalha com a idéia de universalidade, e muitas vezes encontra e aniquila diferenciações localizadas. Todo tipo de doping parece basear-se, nesse sentido, na idéia de que o organismo humano é um mecanismo complexo manipulável tecnicamente, e que os comportamentos e experiências humanas podem ser melhorados para além das aptidões tradicionais, tanto do ponto de vista físico quanto intelectual ou mesmo emocional. Esta intervenção é muitas vezes considerada terapêutica. Isso pode ser facilmente transferido para o esporte, sobretudo o de alta performance, e para o seu treinamento, o que lhe dá, de certa forma, legitimidade. Se é lícito fazer uma cirurgia plástica para aumentar a beleza, por que não intervir cirúrgica ou quimicamente para aumentar a performance esportiva? Parece ficar evidente a diferença entre as duas práticas, mas se as duas forem levadas a cabo por uma racionalidade mercadológica científica, as duas formas confundir-se-iam em essência. Nesta lógica, a superação de problemas genéticos poderia

acontecer mediante a pura e simples vontade egoística do sujeito. É claro que, por esse serviço de correção de um "erro da natureza", o dinheiro é essencial.

Seu convívio com o esporte de alto rendimento colocou-o na situação de conhecer vários atletas que já haviam usado anabolizantes. Foram pessoas que chegaram nos seus limites biológicos e decidiram usar de meios ilícitos para continuar a desgraçada empreitada rumo ao topo. Muitos, mesmo a enormes penas, não conseguiram atingir grandes resultados. Outros atingiram, mas a que custo? Ainda não se sabe qual é o prejuízo real para um atleta que use por um curto período de tempo, sabe-se apenas sobre as conseqüências em longo prazo.

Estes fatores eram extremamente importantes para entender onde estava seu lugar no mundo esportivo, porém, a composição muscular ainda não dá conta da diferença de rendimento entre atletas (ele) e semideuses, então, recorre-se à outra ciência que tenta explicar como esses músculos se relacionam com o esqueleto; de que maneira acontece movimentação dos braços, das pernas ou de qualquer outra coisa, por meio das junções dos músculos com os ossos. Uma pequena variação na inserção de um músculo no maldito osso poderia ser a diferença entre o campeão e o vice, entre o forte e o fraco, entre o herói e o vilão. O posicionamento do músculo em relação ao osso ou articulação pode aumentar ou diminuir sensivelmente a capacidade de trabalho corporal.

Outro fator crucial para o alto rendimento é a mobilidade articular. Sem uma mobilidade articular apropriada, um atleta jamais conseguirá render o que seus músculos supostamente renderiam, os movimentos técnicos não atingirão uma amplitude que promova um aproveitamento total da musculatura. A técnica procura otimizar os movimentos, fazendo-os cada vez mais eficientes e constantes. Às vezes, um movimento realizado,

miseros centésimos de segundo antes ou depois do tempo certo, prejudica consideravelmente o resultado final. A técnica é algo que se encontra além das fronteiras da individualidade, por isso, impõe-se como verdade suprema e incondicional.

Certamente, o fato que mais o impressionava no esporte é que os atletas são extremamente "frágeis". Do corpo do atleta é exigido um esforço sobre-humano, então qualquer situação cotidiana, como ficar acordado até muito tarde ou permanecer em pé durante um certo tempo, desregula a adaptação deste corpo ao momento de competição. A disciplina existe para regar o atleta a ponto de o planejamento ser feito para anos à frente, e, qualquer situação que fuja do planejado passa a ser empecilho para o rendimento máximo.

Quando o corpo ultrapassa seu limite, quando o desgaste é muito maior do que a recuperação, a carne é rasgada por uma distensão, os ossos são fraturados e desgastados pelo stress do impacto. O metabolismo passa a usar o próprio corpo como fonte de energia, consumindo-se, destruindo-se, para que a vida, então ameaçada, possa continuar, mesmo naquela condição adversa. Fonte de energia de si mesmo, o corpo retarda o fim, mas sabe que este é próximo.

A alimentação de um atleta propõe suprir e repor todos os elementos perdidos no exercício, mas quase nunca isso é possível efetivamente. O treinamento do corpo levado ao extremo do desgaste traz danos irreparáveis para a vida da pessoa. O universo esportivo, os clubes esportivos, transformaram-se em empresas que visam o lucro rápido e fácil. Não há tempo para descanso dentro desta lógica. O ser humano/corpo que pratica esporte foi esquecido há tempos. Só existe espaço para o atleta, para a "máquina" perfeita. O esporte, de fato, é lindo em imagens, sedutor pelas proezas, pela vivacidade aparente, mas foi vendido. Dele, foi feito

produto, de preços astronômicos, de relações obscuras e desumanas. Vide os Jogos Olímpicos: manifestação econômica travestida e justificada como manifestação cultural. O esporte, hoje é meio de vida profissional de alguns bem dotados geneticamente e virtuosos, outros, brigam contra a impossibilidade de treinar e trabalhar para comer ao mesmo tempo. A maioria dos corpos não pode o que lhes é exigido.

Fala-se muito em métodos de treinamento que privilegiem a longevidade do atleta. Atletas, antigamente, atingiam o auge do rendimento com vinte e três anos ou menos e competiam até vinte e sete ou vinte e oito anos no máximo; hoje, podemos encontrar atletas com mais de trinta anos competindo em altíssimo nível e melhorando seus resultados pessoais. Atletas com mais de trinta e cinco anos são facilmente encontrados em competições de alto nível. Isso tudo provocado pela evolução das teorias de treinamento e do estudo da biomecânica, que permite a realização de movimentos extremamente eficientes sem um nível de treinamento físico tão assustador como era feito anteriormente. Até que ponto a longevidade de um atleta tem a ver com longevidade do ser humano atleta? Será que um ser humano atleta tem uma longevidade semelhante à de um não atleta? Será que um dia alguém vai querer responder a esta pergunta? No esporte são injetados milhões de dólares em propaganda e pesquisas científicas todos os anos. Em muitos países chega a ser uma parte essencial da economia. Gigantescas empresas dependem do esporte para vender seus produtos para um mercado consumidor. A própria medicina contemporânea, diretamente, agente das pesquisas sobre as tecnologias do corpo, usa sua assepsia científica para não precisar da moral. *O médico, não por acaso um especialista em corpos mortos, personagem também importante no esporte, onde auxilia sobre maneira na tarefa de colocar os atletas em condições² de competição.* Seria um atleta, dependendo da situação extrema a que está

sujeito, um ser humano que beira a doença, ou, na pior das hipóteses, a morte? Nem tanto a morte; a doença... Muito provável. Certamente, alguns seres humanos atletas sentem-se mais debilitados que outros, na exigência do esporte de alto nível. Outros fatores seriam encontrados para dar conta desta debilidade de alguns, porém, o fato mais aceito é a diferença genética.

Era inevitável pensar que, para ser atleta, era preciso contar com uma ajuda dos próprios pais, que fornecem os genes para os filhos. Genes, esses escolhidos pelos deuses do Olimpo, ou acidentalmente escolhidos pelo acaso, porque ter pais geneticamente perfeitos para gerar um atleta, não garante de maneira alguma que isso ocorra. Felizmente! Caso todas as pessoas do mundo nascessem de acordo com o desejo de seus pais, o mundo seria extremamente limitado de pessoas e possibilidades. Pensar que, a natureza erra, os deuses são injustos, ou que a natureza beneficia e os deuses escolhem apenas alguns, faz parte das desculpas da nossa sociedade para justificar diferenças que não se enquadram num padrão produtivo e estético. O esporte é só mais uma manifestação não desconexa do que se passa na sociedade, um reflexo, uma sombra que se deforma à medida que a iluminação muda.

* * *

Uma distância considerável de sua casa até o local de competição fez com que lá chegasse com um outro entendimento daquilo que iria ver. Sua inocência era outra. O encanto com os resultados fabulosos, que possivelmente veria, não mais existia. Os resultados eram uma obsessão da maioria dos atletas, apenas alguns conseguiam fazer aquilo por prazer, sem esperar subir ao Olimpo como um deus, mas sim como visitante, ciente de

sua mortalidade. Estes tinham outros objetivos de vida. Entendiam que eram seres humanos fazendo esporte.

Chegando ao local foi logo procurar seus amigos, e, no primeiro encontro ficou sabendo que um deles havia se mudado para o exterior para trabalhar como modelo de uma grande agência. Este era fato freqüente e normal dentro do esporte. Sabia de vários atletas que haviam se dedicado à carreira de modelo depois de encerrada a carreira de esportista. Usavam o corpo forte e bem trabalhado pela exigência do esporte para vender uma imagem esteticamente "perfeita". Herói romântico, de virtudes potencializadas, corporificadas em músculos e simbolizadas em feitos sobre-humanos. Demasiados volumosos músculos; mesmo assim, modelo de beleza associada à saúde e à imagem do esportista como um ser perfeito. Mas será que essa relação era verdadeira? Todo corpo esteticamente "perfeito" é eficiente esportivamente? Um atleta faz muita musculação para ficar forte e eficiente, mas muitas pessoas fazem musculação para ficarem "bonitas", esteticamente enquadradas, mas não fortes. *Quicá não passassem de curiosas posturas, que pensam ressuscitar a estatuária clássica, justamente quando desmedido das anatomias ergue-se como uma injúria à arte do escultor antigo. Insólitas massas musculares, puramente decorativas, que não servem para correr, nem para arremessar, e que rompem assim com tudo aquilo que, dentro da lógica esportiva, associa músculo a movimento.*³

O Renascimento Clássico fora um marco do reencontro, que mais tarde se tornaria a ruptura, entre a arte e a ciência. Os grandes da escultura, como Leonardo Da Vinci e Michelangelo, estudaram minuciosamente o corpo humano, para depois reproduzi-lo de forma esplendorosa em pedra bruta e tela, dentre outras formas. Das ciências médicas, usaram a dissecação de cadáveres, recriando a morte dos corpos

em putrefação, encontrando subsídios para uma ressurreição clássica: a escultura. Arte dos detalhes, da fidedignidade, do movimento, da proporção. Junto com a escultura, certamente, ressurgiria o esporte, tema de obras de arte do período clássico. A recriação dos Jogos Olímpicos, assim como a escultura, traz a exposição total das virtuosidades do corpo e desenterra a relação do esporte com a virilidade do corpo atlético. Exacerbados na contemporaneidade, os ideais do corpo se capitalizaram pela força da imagem. Então o ideal estético teria vindo do esporte? Será que de tanto a mídia exaltar atletas, nossa referência passou a ser a beleza esportiva? E na falta de heróis de guerra, heróis de revoluções sociais, heróis espirituais, tratamos de escolher heróis do esporte para nos suprir a terrível falta de referência para a vida. Na verdade o esporte é uma representação de guerras e revoluções, o "bom" atleta é aquele guerreiro, líder politicamente correto, também um guia espiritual, modelo de pessoa que venceu na vida.

A desatenção à variedade de corpos e a ostentação de um ideal de corpo atlético, não atingível pela maioria, porém vendável, sugere um esmorecimento na confiança que os indivíduos depositam em seus próprios corpos. Com o ego desmantelado, procura-se um ponto de apoio externo a si. Nada mais que uma tentativa de suprir, através da imagem alheia, uma necessidade individual. Individual na diversidade de caminhos percorridos, no entanto, também, coletivo na manifestação do processo. É perigosa a massificação dos heróis. Estes mostram-nos que *não precisamos correr sozinhos risco da aventura, pois os heróis de todos os tempos a enfrentaram antes de nós. O labirinto é conhecido em toda a sua extensão. Temos apenas de seguir a trilha do herói, e lá, onde temíamos encontrar algo abominável, encontraremos um deus. E lá, onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde imaginávamos viajar para longe,*

*iremos ter o centro da nossa própria existência. E lá, onde pensávamos estar sós, estaremos na companhia do mundo todo.*⁴ A mídia fabrica os heróis do esporte para reforçar uma dependência das massas dos produtos e dos ideais que estes heróis, consciente ou inconscientemente, vendem. Seguidores cegos, forçosamente, reconhecem-se nas proezas de seus ídolos esportivos. *Interessante é notar que as marcas não são pensadas apenas como limites do esporte, mas como fronteiras a serem alcançadas, e principalmente superadas, pela humanidade. Nesse sentido as marcas esportivas são como a realização particular de uma universalidade, da espécie humana sintetizada na figura individual do recordista, portador do rendimento máximo.*⁵ Corre-se o desgraçado risco dos indivíduos se perderem em idéias que não lhes cabem. Incorporando algo desprovido de sentido, já que não foi construído internamente. O sentido passa a ser encontrado em manifestações de massa, sem uma reflexão contextual com o indivíduo. Novamente as coisas passam a fazer sentido por si sós. O homem encontra-se como mediador da relação das coisas, deixa de ser parte fundamental das suas próprias relações. Um estado de relações que calcifica o homem em processo alienado a ele próprio. Este estado *quereria rodear-se de heróis e de homens respeitáveis. Este monstro frio gosta de se aquecer ao Sol das boas consciências.*⁶ *O Estado é o lugar onde todos se perdem, os bons e os maus; onde o lento suicídio de todos se chama "a vida".* Mostram-lhes o caminho do desnecessário, do obsoleto, assim contentam-se com a via fácil e conhecida. Aventurar-se pelo desconhecido, não é trazer só para si o oculto, mas também trazer as trevas àqueles que não podem, jamais, perder o controle dos passos dos "perigosos" seres humanos. *Onde acaba o Estado começa o homem que não é supérfluo; onde acaba o Estado e começa o canto da necessidade, a melodia única, insubstituível.*⁸

A quem ainda os heróis ainda enganam? Aqueles que não sabem que seus caminhos só podem ser percorridos por pernas próprias. Os heróis impõem-lhes sutilmente uma verdade inabalável, então estes incorporam-na como sua verdade, disseminando-a entre os demais desavisados. Aos que controlam resta o medo oportuno de que lhes surjam, face-a-face, milhares, milhões de Gandhis, Cheguevaras, Mandelas, Luther Kings e outros mais, ilustres ou desconhecidos.

Tivera muitos ídolos em sua infância. Julgou-se um réu que cometera o mais hediondo dos crimes. Isso sabia fazer muito bem: julgar-se. Dava-se o veredicto de culpado. Esquecera que, para o veredicto final, a defesa também deve pronunciar-se.

* * *

Por momentos esqueceu-se de onde estava. Um olhar à sua volta, fez com que relembresse o lugar. Sabia o que estava fazendo ali: estava no trilho do "trem dos mitos do esporte". É fato que já pensando em saltar na próxima parada. Seu corpo não poderia contar essa história. De certo, contaria outras, mas essa não. Enquanto isso, uns corpos tentavam contar essa história - alguns sem sucesso - dentro da pista. As primeiras provas começavam a acontecer, os corpos mostrando o que de mais virtuoso poderiam fazer, mas, na maioria das vezes, por maior que fosse o esforço, aquilo que mostravam não lhes era suficiente. Sempre havia um número maior para almejar. É fato que alguns mostravam-se bem contentes com o próprio feito. Estrema força explosiva lançavam aqueles corpos a velocidades e alturas inimagináveis à platéia minúscula de pessoas não atletas. Poses e contorções dignas de fotos. Os não atletas, por sua vez, demonstravam imensa satisfação com os resultados obtidos pelos atletas,

mesmo sem ter a mínima idéia do que o "dez segundos" cravado⁹, na corrida de cem metros, queria dizer. Identificavam-se, como se fossem os próprios feitos. Aquela energia dispensada para a obtenção do resultado parecia se espalhar pelo ar, invadindo os espaços de pulmão alheio, entorpecendo os espectadores com o mesmo ar do atleta obcecado. Nada mais que o mito do herói absorvido inconscientemente, disfarçado, muitas vezes de patriotismo.

Inúmeras vezes incomodou-se com a célebre frase: "Nós vencemos". Equivocadamente, as pessoas sentiam-se parte essencial daquela conquista de um grupo extremamente limitado de pessoas. São pessoas pontuais: tanto atletas, quanto técnicos e cientistas.

Essa identificação coletiva que nada faz além de acentuar a dependência em relação ao mito.

Assim como previra, não assistiu à competição como assistira em outras oportunidades. Ficou feliz, por seus amigos, com alguns resultados alcançados, enfim era uma realização, por mais paradoxal que pudesse parecer, pessoal.

Ao final da competição, dirigiu-se à parada de ônibus e, já de antemão, sabia que iria passar longa hora meia até que chegasse em casa. Entrou em um ônibus abarrotado. Impossível sentar-se. Uma orgia inevitável. Os corpos se esbarravam, tentavam ocupar o lugar do outro no espaço. Cada um fingia estar apenas consigo mesmo, fechado em seu mundo, quando, realmente, estava fundido numa massa indiscernível. Todas as janelas fechadas, dezenas de corpos trocando energia cinética, o calor aumentava imensamente. Os "donos" das janelas não as abriam, pois o vento incomodava-lhes. Aqueles, que estavam em pé, protestavam.

Sentiu-se, como todas aquelas pessoas ali presentes, totalmente desrespeitado. Não desrespeitado por outras pessoas, mas por algo além

das pessoas e do ônibus; uma idéia qualquer, na qual o projeto do carro foi baseado. Porém, se o ônibus comportasse mais pessoas sentadas de maneira confortável, provavelmente teria de ser maior do que já é, ou, o número de ônibus circulantes deveria aumentar consideravelmente. Nenhuma das duas hipóteses seria possível, pois dificultariam o, já complicado, trânsito urbano. O Todo parece estar errado em seu cerne. Muitas pessoas e pouco espaço nas cidades.

* * *

Escurecia, só por isso sabia quantas horas eram. Não usava relógio. Quando precisava saber exatamente que horas eram, perguntava a um passante. Era um modo de sentir-se menos controlado.

No caminho que restava percorrer a pé até sua casa, as luzes das ruas já estavam acesas, causando a má impressão de sempre. Enquanto observava seu corpo projetado no chão, andava querendo chegar rapidamente debaixo de outro poste de luz, para que sua sombra ficasse tão somente debaixo de seus pés. À medida que se afastava do foco de luz, sua sombra desfigurava-se, alongando-se por uma extensão imensa da rua, alongando, emagrecendo. A mísera probabilidade de alguém dar bola àquela simples sombra, já lhe era suficientemente incômoda. Obviamente não transpareceria este incômodo e, nunca, jamais pensaria em dizer isso a alguém, com a intenção de saber se mais algum "louco" no mundo sentia a mesma coisa. Talvez até jogasse com isso, para se distrair enquanto perambulava pela noite bem iluminada da cidade. Um jogo com um tom, para ele, sarcástico, mas era a melhor forma de lidar com a situação. Certa vez ouviu dizer que o sábio é aquele que sabe rir da própria desgraça.

¹ Vaz, A. F. Do culto a performance: Esporte, Corpo e Rendimento (notas sobre doping) Revista Brasileira de Ciências do Esporte V21:1. Setembro de 1999 (Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.) Florianópolis.SC p100

² Vaz, A. F op. cit. 1999. p100

³ Courtine, J.J. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. pp 83.In Sant'Anna, D. (org) Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p 81 – 114.

⁴ Campbell, Joseph. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 1990. p131

⁵ Vaz, A. F. op. cit. 1999. p100

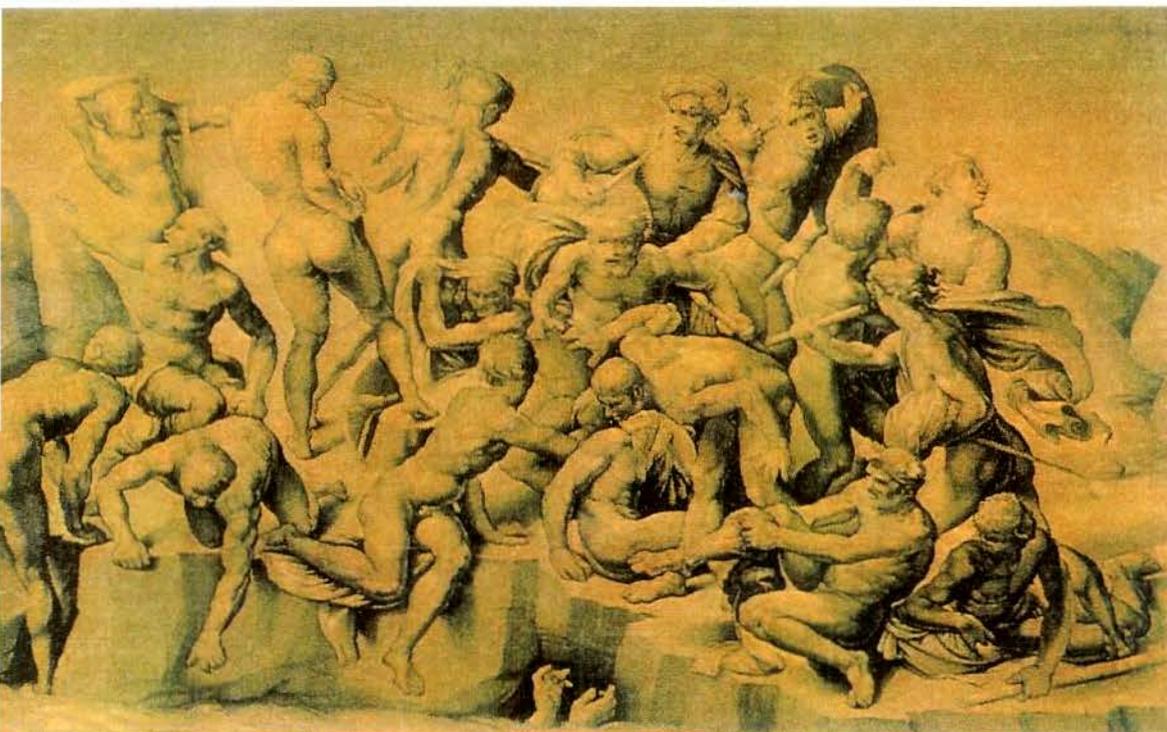
⁶ Nietzsche, F. W. , Assim falava Zaratustra. Guimarães Editores [19--] p 56

⁷ Nietzsche, F. W. , op. cit. [19--] p 56

⁸ Nietzsche, F. W. , op. cit. [19--] p 57

⁹ “Dez segundos cravados” significa, no atletismo, uma barreira divisória entre os “hcróis” e simples atletas. Poucos no mundo ultrapassaram essa barreira de velocidade.

Uns Corpus



Da Existência

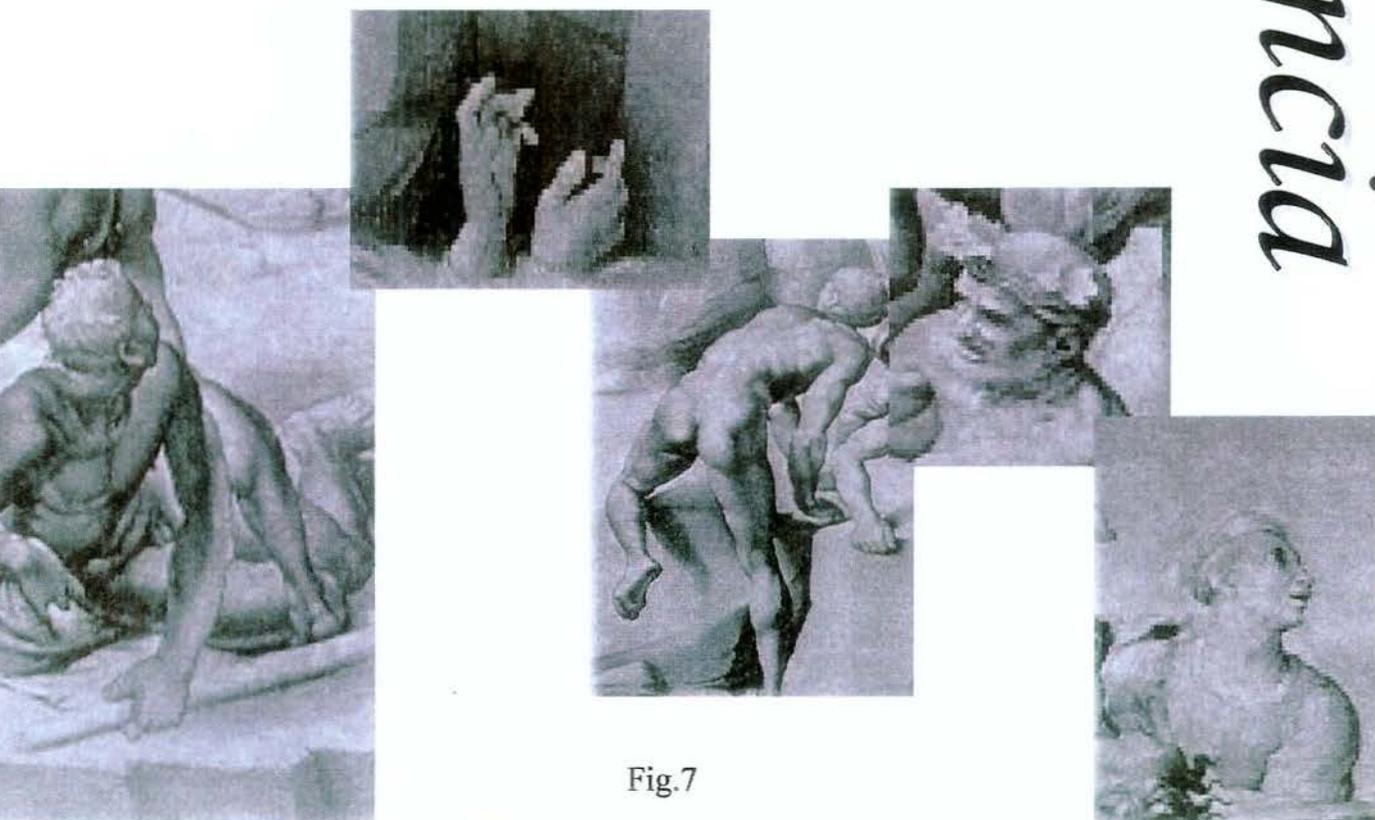


Fig.7

Da existência

Na madrugada tudo parecia-lhe estar protegendo. O breu sempre lhe abrigou dos olhos os quais julgava ameaçadores. Talvez fosse interessante que o Ser Humano não tivesse olhos, pois assim, não poderia desmerecer nada ou ninguém pela aparência, mas não resolveria, porque outro modo de julgar seria arquitetado. Queria então, que o mundo não tivesse corpo, que homens e mulheres fossem algo de abstratos; como espíritos sem corpo, e, não o que parecem, corpo sem espírito. Contudo, também, não poderia acreditar que o corpo deveria desaparecer, por mais desaparecido que este pudesse ser para o mundo, um mundo que ignora uns corpos e exalta outro. Tamanha ignorância... O corpo humano reprimido. Esteticamente imperdoável. Já que o mundo não enxerga o corpo como único e individualmente diferenciado, fazemo-lo então inumano, monstruoso, anômalo e individual, visível portanto. Melhor assim. As tatuagens, cada vez mais freqüentes, não mais lhe davam a impressão de agressão ao corpo, mas sim de carinho com o próprio ser corpo. Corpos tatuados falam, mostram sua vontade de corpo, de existir corpo. Outros corpos. E, por fim, dizem *aos que menosprezam o corpo (...) o que devem fazer, não é mudar de regras, porém simplesmente dizerem adeus ao seu próprio corpo e, por conseguinte, ficarem mudos.*¹

Queria poder gritar com o corpo. Como? Dançando? Talvez. Verdadeiramente, não sabia gritar nem com a voz. Apenas falava alto. Será que não temos o direito de gritar? Não temos, porque atingiríamos os ouvidos dos que não gostam de som alto. "Estes" mandam e desmandam-nos para qualquer tarefa, para qualquer relação. Porém "Estes" não são "Estes Corpos", chamam-se "Ideal". Impôs-se como uma entidade superior, ditando quais tipos de corpos somos, ou devemos ser, resumindo milhões de corpos a

um ideal. Aniquilaram os corpos, porque estes são sinceros. O "Ideal" diz "Eu" e se orgulha disso e o corpo *"não diz Eu, mas procede como Eu"*.² O corpo mete medo porque é dono de si e não deve satisfação a nada para ser o que é. Esquecidos corpos. As vítimas deste ideal, não se ouvem, apesar de seu corpo continuar gritando pela vida; a querer ser "Eu".

Seguramente sentia-se um adolescente. Completamente enquadrado nos padrões de "loucura" desta fase. Esta parece ser *"uma fase da vida onde os sujeitos possuem comportamentos conturbados e atitudes inconseqüentes"*.³ Exatamente por isso não seria ainda o "Eu". Como ele próprio não teria o direito de ser ele, ou melhor, "Eu"? Ainda não havia compreendido que seu corpo lhe pedia algo, e, ele lhe dava outra coisa e não o que foi pedido. Seu "Eu" fora enterrado pelo mundo criado pelo Ser sem corpo. Facilmente fora capturado pelo implacável olhar da Medusa. Petrificado em carne e osso.

O "Ideal" nada mais é do que tentativa de garantir uma homogeneização, a fim de facilitar o controle funcional dos corpos. Corpos obedientes.

Lembrou-se, pois, de uma aula sobre mitologia grega, que sua professora de história havia dado alguns meses atrás, mas que a lembrança ainda estava fresca em sua memória.

O texto dizia que, segundo o ideal grego, *todos os seres do universo formam uma só família e são membros do mesmo corpo. Todos devem agir, conforme toda a natureza, e a vida de todos os seres deve ser confundida na vida do todo universal. Viver conforme a sua natureza é viver conforme a sua razão e a sua verdadeira vontade, porque a vontade livre, confunde-se com a vontade razoável; porém, a razão, que está em nós e que é nós mesmos, é também outra coisa que nós próprios pois ela é idêntica na diversidade de corpos e adquire um caráter universal; ela ultrapassa ao*

*infinito a esfera do egoísmo particular e confunde-se com o interesse de todos.*⁴ Parece que houve um equívoco na interpretação feita sobre os gregos. *"A Equação do espírito e do mundo acaba por se resolver, mas apenas com a mútua redução de seus dois lados."*⁵ O coletivo só existirá quando os indivíduos tiverem consciência da sua existência e respeitarem então a existência do outro. Entendera que não poderia ser diluído por uma idéia de corpo abstrata e obtusa. Talvez não tivesse consciência da dimensão do assunto. Somente sentia que algo encontrava-se distorcido em todo esse quebra-cabeça. A única forma de não ser petrificado pelo olhar da Medusa, então, seria ter consciência de que fazemos parte dele e também somos responsáveis pela sua constituição e mutação. Simples conclusão. Seria suficiente para não ser apanhado pelos apelos da perfeição? Pergunta um tanto quando complexa para um adolescente e ao mesmo tempo inspiradora, já que a busca de si mesmo faz-se presente de forma voraz em seu tímido tempo de vida. A confusão de sua mente não mais lhe atormentava, pois sabia que estava caminhando para alguma resposta, por mais frágil que pudesse ser.

Seu corpo lhe dava respostas, mas deveria decodificá-las. Seu corpo falava uma linguagem própria, que há tempos fora esquecida pela humanidade da virtualidade corporal moderna. Corpo ou apenas uma idéia de corpo? A ele, prontamente, caberia encontrar a comunicação entre seu corpo e seu abstrativo racional. Teria de voltar a se entender como corpo e não entender que possui corpo.

Suas longas noites, carentes de horas de sono, rendiam belas idéias, mas principalmente fantasias. Onde estava a deusa? Era a pergunta que mais lhe vinha à cabeça. Sentia-se dominado por aquela imagem forte e "perfeita". Seria seu ânima⁶ manifestado literalmente; também a manifestação do ideal que se impusera até em sonho. Aquilo também era

cerne de sua idéia de beleza. Reconhecia-se naquela inteireza da mulher dos sonhos. Sua própria Medusa. Seu olhar lhe aprisionava, controlava-lhe os desejos. Se não fosse sonho seria tortura.

Nada mais no Homem parecia lhe ser autêntico. Como seria viver de acordo com nossa natureza? Essa natureza existia? Além do amontoado de proteína e gordura, nada mais era natural; ou até mesmo isso já não tinha essência na natureza. O Homem foi morto e enterrado em si mesmo por algo que lhe impregnou uma carapaça igualitária, alterando sua individualidade. Não mais individual, não mais que uma cabeça de gado branco em meio à alvura das demais. Confundível, pois *"a condição do homem é corporal. Subtrair-lhe alguma coisa, ou lhe acrescentar, coloca esse homem em posição ambígua, intermediária. As fronteiras simbólicas são rompidas. É aquele que aspira à humanidade de sua condição sem oferecer a elas as aparências comuns, por causa de suas mutilações ou de suas deformidades, está destinado a uma existência diferenciada, sob o fogo dos olhares dos passantes ou das testemunhas de sua diferença. No imaginário, a alteração do corpo remete a uma alteração moral do homem: sua passagem a um outro tipo de humanidade autoriza a constância do julgamento ou olhar sobre ele, até a violência a seu respeito. Somente ao homem comum está reservado o privilégio aristocrático de passear numa rua sem suscitar a menor indiscrição. Se o homem não existe senão através das formas corporais que o colocam no mundo, toda modificação de sua forma engaja uma outra definição de sua humanidade. Se as fronteiras do homem são traçadas pela carne que o compõe, recortar ou acrescentar nele outros componentes traz o risco de alterar a identidade pessoal que é a sua e de perturbar os sinais que, aos olhos dos outros, lhe concernem"*.⁷

Submeter-se ou não, também lhe parecia uma escolha pessoal. Ser observado pela diferença lhe incomodava, mas pensar em não ser diferente,

incomodava-lhe em dobro. Existem duas forças incomodadas neste sentido: Assim como, na escola, escolhia a quais aulas assistiria e quais enforcaria, teria de escolher entregar-se ao fogo dos olhares ou ao anonimato. Corria o risco de assumir algum dos dois extremos, apesar de não acreditar que uma ou outra seria melhor opção. Por mais óbvio que pudesse ser sua escolha, incomodava-se. Procurava um reconhecimento corporal dos grupos nos quais circulava; seja ele no esporte ou na escola. Porém, estes grupos, de modo geral, já eram tão viciados que pensava na possibilidade de nenhum dos dois lhe servirem de abrigo. Melhor seria reconhecer a si próprio, reconhecer sua diferença, que sequer era tão diferente assim. Este era o problema: Ninguém lhe tirava da cabeça a idéia de que seu corpo era contrário ao "Ideal". Tudo parecia tentar lhe sufocar. Sentia esta pressão. Aquela cama, na qual se deitava, era a mais pura representação do que o "Ideal" poderia lhe impor. Não reconhecido por próprio leito de repouso. Queria diminuir seu espaço externo. O espaço de si próprio, de seu corpo, já consumia muito espaço, que poderia ser aproveitado com outras "coisas", com a possibilidade de serem dobradas, recortadas e manejadas mais facilmente que um corpo. Caso o espaço esteja faltando, pode ser comprado, como tudo neste mundo. Não teria o direito de existir simplesmente por estar vivo. Paga-se o imposto por não ser um homem maleável, ou melhor, dobrável. Novamente as coisas se mostram mais maleáveis do que o ser humano. O Mundo parece, definitivamente, ter sido pensado para coisas; para homens-coisa. Quando o mundo segmenta o homem, nomeia parte como alma e parte como corpo, tudo aquilo que pisa solo abstrato é alma, e, tudo o que permeia o tátil é corpo. Tal como o código binário; o que não é zero é um e o que não é um é zero. Confundem-se roupas, carros e corpos de um lado e de outro virtudes, paixões e alma. Esquece-se que, talvez, a alma seja simplesmente a vontade do corpo de existir e não algo diferente dele próprio. Não se

pode dobrar um corpo, porque a alma deste é exatamente do seu tamanho, só cabe nele, é exclusivamente composta dele mesmo. Esta não permite a vida que seja adversa a seu tamanho. Se Henry Ford tivesse um corpo "anormal", talvez tivesse idealizado outro tipo de linha de montagem, na qual tivesse considerado o tamanho da vontade do corpo de existir. Como poderia ele saber que estava desrespeitando uns e privilegiando outros?

O mundo está configurado de tal forma que parece ser impossível uma individualização das coisas que servem ao corpo. Problematicamente, quando estas coisas não servem ao corpo, acabam por reprimi-lo. A menos que se pague pela diferença.

De maneira alguma conseguia achar um culpado para aquela situação, mesmo porque este não existia. A humanidade caminhou para isso, configurou-se desta forma. Certamente, o universo capitalista aproveita-se desta situação e sobrevive também dela. As diferenças são exaltadas, especuladas e vendidas, pois o diferente é vendável ou, por outro lado, é um grande consumidor de produtos especiais. Especiais são raros, portanto caros. Também, as experiências que tivemos com sociedades não capitalistas, no sentido da individualidade, foram desastrosas. Seria a ideologia autoritarista culpada pelo desrespeito à individualidade dos corpos? Essa, sem dúvida, era a melhor das hipóteses que poderia criar.

* * *

Simplesmente adormeceu. Sono pesado, que não lhe era comum. Desmaio da consciência. Felizmente seu corpo era suficientemente sábio para saber quando descansar. O corpo, além de falar sua incompreensível linguagem não racional, também dava ordens e as cumpria por si mesmo, caso contrário, o homem seria capaz de autodestruir-se pela racionalidade.

Fruto das relações sociais, o pensamento é parte indissociável do corpo; quando o pensamento é desgastado, o corpo também definha.

Aquele corpo esparramado por sobre a cama deixava vaziar sua essência humana. O sono arrancara sua "máscara de coisa". Talvez, pudesse gostar de se ver naquele estado. Era simplesmente humano, como deveria ser todos os dias. A bermuda que vestia era a única peça de roupa que impedia o Sol da manhã de iluminar por inteiro aquele corpo humano entregue ao mundo. Nem por um momento incomodou-se com o Sol observando-lhe de perto, invadindo sua privacidade, alumando o escuro manto protetor de todas as suas noites. Aquecera-lhe a alma. Do tamanho de seu corpo. Aqueles vincos profundos de magreza faziam parte da cena, insubstituíveis, inteiros em corpo. Os braços, estendidos ao longo do tronco, confortavam-se displicentes, enquanto as primeiras músicas do dia apareciam de súbito do desavisado despertador naquela manhã de Domingo. A nona de Beethoven inundava todo aquele quarto. Misturava-se com o ar amarelado da aurora. Harmonia que se mistura à harmonia. *Através da música as paixões gozam a si mesmas*^B. A música parece ter vida própria, assim como qualquer obra de arte. Convida os admiradores a mergulharem em seu universo, criando e recriando seus significados, estando sempre junto dos que se aventuram em suas entranhas. Faz também parte de seu corpo.

Uma explosão de vozes em coro chamavam-lhe aos ouvidos. Convidavam-no a continuar a perene caminhada da vida, que só há de cessar onde o homem desconhece.

Quiçá Beethoven percebera que seu fim estava próximo, e esculpiu tal música justamente para ser inacabada. Sua morte selaria os compassos extremos da pauta, findando-a em si, da forma mais humana possível.

Em seu leito de morte, sua música incorporava o fim no definir do corpo e vive-versa. Sinfonia de existência, da qual, a morte é nada mais que a possibilidade de continuação. Sua construção passa a ser patrimônio do mundo, incorporado pelos outros seres humanos em tempo presente. Beethoven é, também, um pouco de cada um, que hoje experimenta sua obra correndo junto do sangue. Compõe também em tempo presente.

Ter de morrer para que a vida possa continuar... A vida é um infundável morrer e renascer. Somos hoje o renascimento do ontem. O passado se funde indivisivelmente no corpo presente. Assim como as roupas da gaveta e o café da manhã que se apresentavam aos olhos são carregados de processos começados há muito tempo passado.

O homem perdeu o gosto pelo presente e vive a expectativa de um vindouro incerto. *"Vemos tantas ansiedades pelas alturas! Tantas contorções de ambiciosos? Existem tantos pensamentos grandes que apenas fazem o mesmo que um fole: inchando, aumentam o vazio¹⁰."* E é o vazio, a falta de si próprio que empurra o homem para outro homem mais forte, que lhe forneça respostas simples e diretas para problemas que ninguém além dele próprio poderia responder. *"Um procura o próximo porque se procura, o outro porque aspira a perder-se¹¹."* Encontrar-se em outro é o mesmo que misturar joio ao trigo. Tudo aquilo que se encontra em corpo alheio nada mais é que a história do todo universal. Esta que é a massa que une os tijolos da cidade de homens; de importância descomunal. É fato que, ser humano, implica em ser algo além de seu umbigo. Humanos constroem-se, destroem-se e reconstroem-se diante de corpos estranhos, ou não, cúmplices de vida e morte. Mas, o que se deve achar em si é algo que não se encontra em outros. Propriedade do indivíduo, só ele tem a chave da porta. As rugas de um rosto contam histórias que servem a ninguém, senão, só ao dono deste rosto. Ter o direito de ter as próprias rugas. O homem

necessita de escolhas. Sem elas, o homem não é outra coisa, senão, animal manipulável. Mesmo para morrer é preciso ter escolhas, ou então, a morte simplesmente chega e leva, da pior maneira, aquele corpo entregue à inércia. Os inertes ainda pensam que caminham, e têm a impressão que suas rugas são realmente suas, quando na verdade, tomaram-nas emprestadas para se disfarçar de outro.

¹ Nietzsche, F. W. Assim falava Zaratustra. Guimarães Editores [19--] p. 38

² Nietzsche, F. W. op. cit. [19--] p 70

³ Fraga, A. B. ,Do corpo que se distingue: A construção do bom moço e da boa moça nas práticas escolares. Dissertação de Mestrado.

⁴ Ribeiro JR. J. Grécia Mitológica. Campinas, SP: Papyrus, 1984 p. 205-206

⁵ Horkheimer e Adorno (1973:55). Apud Silva, Ana Márcia: Corpo, Ciência e Mercado: Reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas – Editora da UFSC, 2001. p 74

⁶ Conceito retirado de O Homem e seus símbolos. Jung. G.C.

⁷ Lê Breton, D. A Síndrome de Frankenstein p 64-65. In Sant'Anna, D. Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p 49 – 67.

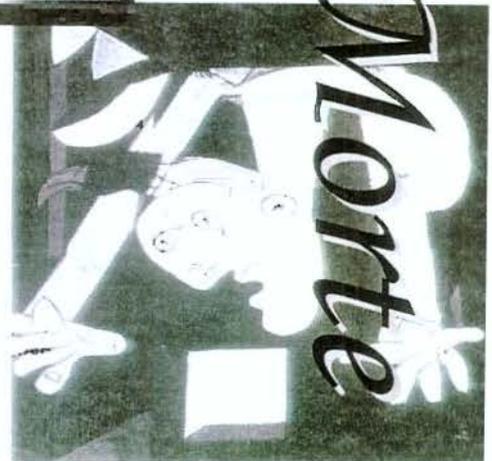
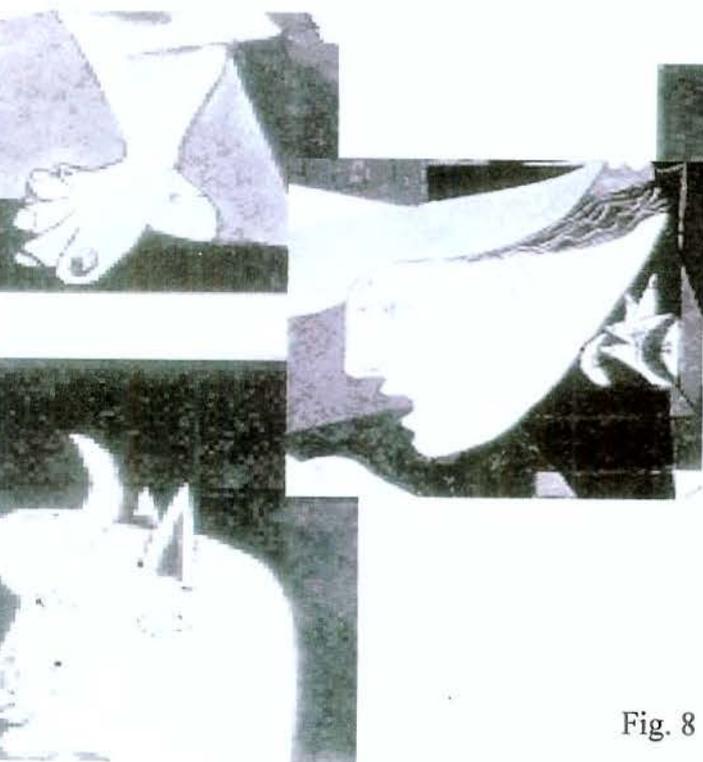
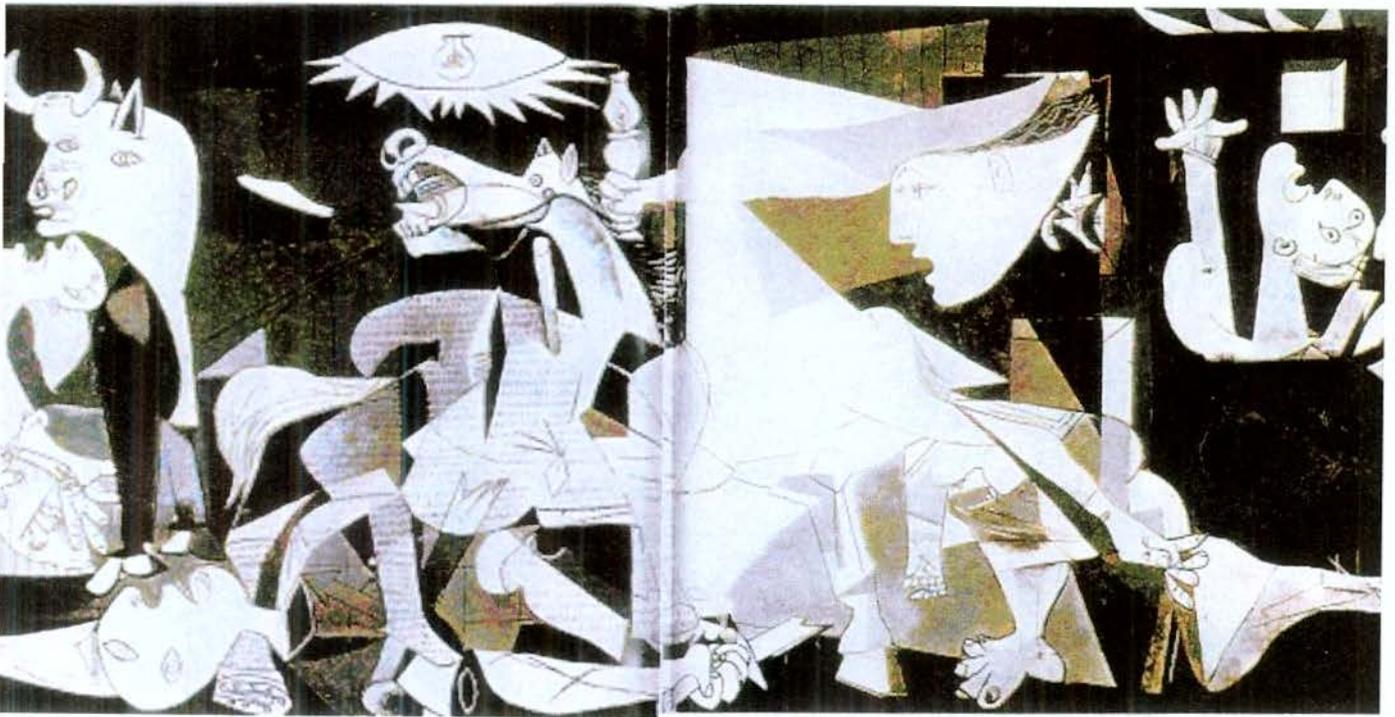
⁸ Nietzsche, F. W. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p 73

⁹ Nietzsche, F. W. op. cit. [19--] p 70

¹⁰ Nietzsche, F. W. op. cit. [19--] p 70

¹¹ Nietzsche, F. W. op. cit [19--] p 68

Uns Corpus



Da Morte

Fig. 8

Da morte

O "sol" de Beethoven se perdia naquele ouvido ainda desacordado. As pálpebras não mais podiam deter os fulminantes raios de luz que, de certo, formavam aquelas pequenas explosões coloridas que brincam como fogos de artifício diante dos olhos quando estão fechados. Assim como Beethoven, era chegada a sua hora? Não que fosse morrer, que fosse perder a essência vital, mas que fosse suicidar uma parte de si que já não lhe servia. Deveria ressuscitar em estado fluído, irreconhecível se passado mais de um minuto.

Abriu os olhos, continuou ali, parado por mais algum tempo, sem sequer uma expressão de dor ou alegria por estar vivo, por mais um dia, estar renascendo. Renascer sob quais condições? Há condições, então vê se aceita-as ou não para renascer. Para nascer, não há escolhas, porém, para renascer, há. *A certeza do que se conhece, do que se vive, por um ínfimo movimento, às vezes, perde seu sentido.*¹

Levantou-se e dirigiu-se à frente do espelho. Já se encontrava despido. Somente a bermuda escondia algo. Era o mesmo corpo da outra vez: sem tirar nem por um osso sequer. Contemplou sua magreza como nunca havia feito. Desta vez, reconheceu-se: aquele monte de ossos inadaptável ao mundo era seu, somente seu. Nascera assim afinal. Difícil tarefa de aceitar-se, porém já sabia por onde deveria caminhar. *"Não podemos conhecer nada exterior a nós se sairmos de nós mesmos", pensa agora, 'o universo é o espelho em que podemos contemplar só o que tivermos aprendido a conhecer em nós.'*²

Não era mais um vazio, pois o vazio de tempos atrás fora preenchido de idéias; nada além de idéias e ansiedade, talvez suficientes para perceber-se vivo. Mesmo assim sentia certo desprezo do mundo para com a sua existência. E se não existisse? *O mundo sem ele significará para ele o*

fim da ansiedade? Um mundo em que as coisas acontecem independentemente de sua presença e de suas reações, seguindo uma lei ou necessidade ou razão própria que não diz respeito a ele? A onda bate nos escolhos e cava a rocha, outra onda sobrevém, e mais outra, e outra ainda: esteja ele aqui ou não, tudo continua a acontecer. O alívio de estar morto deveria ser este: eliminada a mancha de inquietitude que é nossa presença, a única coisa que conta é o estender-se e o suceder-se das coisas sob o sol, em sua serenidade impassível. Tudo é calma ou tende à calma, mesmo os furacões, os terremotos, a erupção dos vulcões. Mas o mundo não era assim quando ele estava aqui? Quando cada tempestade trazia em si paz que se segue a ela, não estaria preparando o momento em que todas as ondas terão quebrado na praia e o vento terá exaurido a sua força? Talvez estar morto seja passar no oceano das ondas que permanecem ondas para sempre, logo é inútil esperar que o mar se acalme.³

Que morresse então! Mas que antes tivesse feito algo por si mesmo. Quase uma ira, que de nada valeria. Queria achar sua validade. Uns corpos, que passaram e passam por este mundo, existem para que o homem aprenda a entender-se como humano; para delimitar fronteiras do humano para com o inumano.⁴ Era utilidade que buscava? Então, esta era fato.

Por isso gostava de dormir. Dormir era brincar de estar morto, brincar de se livrar do fardo de viver. *Ah, viver é tão desconfortável. Tudo aperta: o corpo exige, o espírito não pára, viver parece ter sono e não poder dormir - viver é incômodo. Não se pode andar nu, nem de corpo nem de espírito.⁵*

Morrer deve ser uma muda explosão interna. O corpo não agüenta mais ser corpo. E se morrer tiver gosto de comida quando se está com muita fome? E se morrer for um prazer, egoísta prazer?⁶ Pode ser, em parte, egoísta, mas pode ser doação; pode ser dor do fim, mas pode ser a alegria

de poder renascer. Morte e renascimento estavam muito próximos naquele pensamento: um demarcava fim ou início do outro.

Como se pudesse apagar todos os seus rastros e começar de novo, do zero. Mas carregava uma cauda grande demais para ser escondida. Todo ser humano tem cauda, tem história e é história também. Por que não se mostram todos com suas caudas exuberantes e assim encontram-se em suas caudas? Vergonha! Vergonha do julgamento, vergonha de se olharem no espelho. Cria-se o mundo da vergonha, para que aqueles, que nasceram diferentes, abriguem-se do desrespeito, ou, por outro lado, não desrespeitem o olhar alheio, que não deve sofrer as agressões da fealdade. O pudor só serve aos diferentes, só serve para que possam ir à praia.

Certamente entendeu porque muitas pessoas mudam-se para outros países, outros estados, outras cidades; procuram, nada mais que a possibilidade de renascer. Acreditava que, para ele, essa não era a melhor forma de se renascer. Renascer está em atitude, está em decisão, está em mudança. Como a Renascença das imagens Clássicas. Renasceram com outro significado, em outro momento, em outras pessoas, por mais que pareça o mesmo, já tem uma morte que o diferencia. Completou um ciclo.

* * *

O espelho que lhe revelou aquele corpo magro e encapsulado agora mostrava um ar diferente, pálido, sem apregoar qualquer emoção. Seu braços alcançavam a mesma distância, seus cabelos tinham o mesmo comprimento, as costelas ainda podiam ser contadas uma a uma, mesmo assim, a imagem não era a mesma: não mensurável, não quantificável, porém, perceptível. Cada segundo de sua observação poderia estender-se por dias, meses, anos de descrições. As variáveis de vida e morte, amontoavam-se,

misturavam-se, fundiam-se. O espelho apresentava tudo dentro do mesmo tempo, tudo no instante o qual fluía sua imagem de dentro do corpo.

Vivera anos de demência, trancafiado em si, lutando contra sua própria aliança. Aliança essa de vida e morte. Desconfiado de seu corpo, desconfiado de si, pactuaria então morrer por este e neste que lhe põe em contato com o mundo.

Morrer seria, a partir daquele momento, um longo processo de viver. Morrer não era pontual, não era fragmento, mas processo. O espelho lhe mostrava todas as suas faces, todos os seus tempos. Uma só imagem, mas de densidade e peso quase insuportável senão fosse a simples condição de existir. Aquele peso já não era mais tão pesado. Denso sim, pesado não. Peso é algo que se deve deixar de lado.

Pálido, embriagado, enfeitiçado por algo em condição subliminar. Contemplação da obra de uma natureza não mais natural, mas que encanta pela capacidade de variar, de ser imprevisível. Imprevisível: é previsível que assim seja. A Natureza segue regras que, desde sempre, o Homem tenta desvendar e por vezes acha-se no direito de controlar e criar novas regras. Nunca, uma árvore fora igual à outra, apesar da tentativa de endireitá-las com mastros de madeira; madeira essa que foi arrancada de outras árvores. Assim o Homem tenta fazer consigo mesmo: mata alguns para endireitar outros. Será que, neste momento, descobrira que o que deveria morrer era a comparação?

Nunca estivera presente diante do espelho daquela forma. O embate das imagens, a refletida no espelho e a que lhe fora imposta por um modelo, jamais deveria esmorecer a certeza de que existia. A imagem é prova da existência e a existência é condição da imagem, apesar da imagem conter elementos não visíveis da existência. Então, que os ossos continuassem a contar sua história, e, enquanto o corpo contivesse o sopro da vida, que os

vincos profundos da magreza guardassem toda sua história corporificada.
Esta está à disposição da humanidade, na biblioteca da vida.

.....

.....

Por tempos cantei "*O que será*" (a flor da pele) de Chico Buarque. O que seria aquela angústia? Ainda não sei – apenas tenho pistas – e continuo cantando. Obviamente, minha ingenuidade é outra que anos atrás. Se hoje estou aqui como narrador desta história – por vezes torta e confusa, eu sei – é porque, parte do personagem morreu e renasceu. Renasceu, é certo, com outras angústias, com outras incertezas, com outros sonhos (com a mesma deusa), mas com a "certeza" de que o respeito é "direito" e "dever" inegociável de todo ser humano.

A insuficiente consciência humanista, infelizmente, ainda precisa de regras, como "direitos e deveres", pois um Homem desrespeita a si próprio, quem dirá ao próximo. Ainda existem cercas e trincheiras para com as diferenças. Vive-se sob regras sociais, sem as quais, as relações humanas seriam mais complicadas do que já aparentam ser.

Lidar com a diferença, plantar o respeito, mostra-se, desde sempre, uma tarefa mais delicada que lidar com pétalas de flores, pois quebra-se com um simples pensamento, com uma simples palavra, com um simples gesto ou olhar.

Minhas vísceras estão sim neste texto que, por mais piegas que possa parecer, nunca quis, por isso, arrancar lágrimas ou revoltas de possíveis leitores, e sim, mostrar quão tênue é a consciência do Homem sobre sua busca de identidade corporal. Tênué porque pode ser desgraçadamente confundida com cuidado pessoal, com carinho para

consigo mesmo. A repressão na “ditadura da beleza” (termo muito utilizado por Carmem Lúcia Soares, minha orientadora) obscurece a visão do caminho individual, oculta as escolhas, reduz a diversidade ao modelo. Escolhem o melhor para todos os corpos sem, sequer, consultá-los para isso. Falta conhecer-se, falta entender-se, falta aceitar-se. Pobre do corpo que não se conhece, apenas conhece o que não é. Deveria aprender... deveria, na relação com o outro, aprender a ser. Nestes quatro anos de faculdade, na relação com outros, aprendi a entender - em partes - os outros vinte anos da minha vida.

Quero que fique claro que este não é um “discurso” de quem acredita na pureza da “consciência naturalmente corpórea”; contrariamente, acredito no corpo que aprende a ser corpo, que toma consciência de sua existência e por isso tem sua imagem única e diferenciada. Assim, a existência de corpos - no plural - já é a própria negação do modelo. O corpo existe porque é forte, mais forte que um modelo. O corpo precisa saber disso, e, só saberá no momento em que deixar de acreditar em sua fraqueza.

*“O que será que me dá? Que me bole por dentro
será que me dá...”*

(Chico Buarque de Holanda)

¹ Fragmento de um texto escrito e distribuído pelo Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus para os integrantes do GEDan (Grupo de Estudos em Dança - FEF) no ano de 2000.

² Calvino, I., Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p 107

³ Calvino, I., op. cit. 1994. p 109

⁴ Conceito apresentado em aula ministrada pela Prof. Dra. Carmem Lúcia Soares no dia 10/10/2001: sobre os monstros.

⁵ Lispector, C., Água viva. São Paulo: Editora Arte Nova S.A., 1973. p. 114

⁶ Lispector, C. op. cit. 1973. p. 99

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - JOANN HEINRICH FÜSSLER, La création d'Ève

Fonte - GUILLOU, JEAN-FRANÇOIS, Les Grands Classiques de la Peinture. 1995. p 185

FIGURA 2 - OTTO DIX, Invalides de guerre jouant aux cartes, 1918

Fonte - GUILLOU, JEAN-FRANÇOIS, Les Grands Classiques de la Peinture. 1995. p 171

FIGURA 3 - DA VINCI, LEONARDO - Estudo do nu

Fonte - internet - <http://planeta.terra.com.br/arte/mundoantigo//vinci/>

FIGURA 4 - DA VINCI, LEONARDO - Estudo de Pé e Perna

Fonte - internet - <http://planeta.terra.com.br/arte/mundoantigo//vinci/>

FIGURA 5 - DA VINCI, LEONARDO - Anatomia do Tronco

Fonte - internet - <http://planeta.terra.com.br/arte/mundoantigo//vinci/>

FIGURA 6 - DA VINCI, LEONARDO - Pescoço e Ombros

Fonte - internet - <http://planeta.terra.com.br/arte/mundoantigo//vinci/>

FIGURA 7 - MICHELANGELO, Battle of Lascina, 1504-06

Fonte - KENP, MARTIN and WALLACE, MARINA, Spetacular Bodies: The Art and Science of the Human Body from Leonardo to now. p. 71 (fig.267)

FIGURA 8 - PABLO PICASSO, Guernica, 1937

Fonte - WALTHER, ING F. Pablo Picasso, 1881-1973. O Gênio do Século, Köln. Benedikt. Taschen, 1994. p. 69

BIBLIOGRAFIA

- CALVINO, I. Palomar. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALVINO, I.. O Visconde partido ao meio. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
- CAMPBELL, Joseph. O Poder do Mito. São Paulo: Palas Athena, 1993.
- FRAGA, A. B. Do corpo que se distingue: A construção do bom moço e da boa moça nas práticas escolares. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Porto Alegre. Faculdade de Educação da UFRGS, 1998
- GOMBRICH, E.H. A História da Arte. 13ª.Ed. São Paulo: Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia de Zahar Editores, 1977.
- JUNG, G.C. O Homem e seus Símbolos. 9ª.Ed São Paulo: Nova Fronteira, [19--].
- LISPECTOR, C., Água viva. São Paulo: Editora Arte Nova S.A., 1973.
- NIETZSCHE, F. W. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. 2ª.Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, F. W. , Assim falava Zaratustra. Guimarães Editores [19--]
- RIBEIRO JR. J. Grécia Mitológica. Campinas, SP: Papyrus, 1984
- SANT'ANNA, D. (org) Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- SILVA, Ana Márcia. Corpo, Ciência e Mercado: Reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo de felicidade. Campinas - Editora da UFSC, 2001.
- SOARES, C. L. (org) Corpo e História. Campinas, SP: Editora Autores Associados. 2001.